

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

HELLEN QUALTO MUNIZ

**PANORAMA DA BIBLIOTERAPIA NO BRASIL:
LIMITAÇÕES E DIFICULDADES**

GOIÂNIA
2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome completo do autor: Hellen Qualto Muniz

Título do trabalho: Panorama da biblioterapia no Brasil: limitações e dificuldades

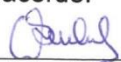
2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [] NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.


(Nome completo do autor)²

Ciente e de acordo:


(Nome completo do orientador)²

Data: 04 / 12 / 2019

Prof.ª. Dra. Andréa Pereira dos Santos
Curso de Biblioteconomia
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
Faculdade de Informação e Comunicação - FIC/UFG

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Versão abril de 2018

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento, imagens coladas não serão aceitas.

HELLEN QUALTO MUNIZ

**PANORAMA DA BIBLIOTERAPIA NO BRASIL:
LIMITAÇÕES E DIFICULDADES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Andrea Pereira dos Santos

GOIÂNIA
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Muniz , Hellen Qualto

Panorama da biblioterapia no Brasil [manuscrito] : limitações e
dificuldades / Hellen Qualto Muniz . - 2019.

80 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Andréa Pereira dos Santos .

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação (FIC),
Biblioteconomia, Goiânia, 2019.

Bibliografia. Apêndice.

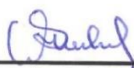
1. Biblioterapia . 2. Brasil . 3. Projetos de biblioterapia . 4.
Limitações. 5. Dificuldades . I. Santos , Andréa Pereira dos , orient. II.
Título.

CDU 02

HELLEN QUALTO MUNIZ

**PANORAMA DA BIBLIOTERAPIA NO BRASIL:
LIMITAÇÕES E DIFICULDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás, aprovado em 02 de Dezembro de 2019, pela Banca Examinadora constituída pelas seguintes professoras:



Professora Dra. Andréa Pereira dos Santos – Presidenta da Banca
Universidade Federal de Goiás



Professora Dra. Maria de Fátima Garbelini – Membro Examinador
Universidade Federal de Goiás

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Eliane e Wagner, que, apesar de certo receio inicial, sustentaram e me deram todo o apoio quando decidi voltar para a Universidade. Graças a eles tive toda estrutura material e emocional para a realização deste trabalho e a finalização da graduação. Agradeço principalmente pela paciência por todas as vezes em que eu dizia “não posso, tenho TCC” e por aguentar meu mau humor, especialmente neste último período.

Agradeço também aos meus amigos, os “Monis”, que compreenderam todas as vezes em que eu não pude sair, seja porque tinha deveres acadêmicos a fazer, seja pela condição de estudante/estagiária que não me permitia extravasar nos passeios. Os mesmos amigos se alegraram comigo em todas as etapas desta graduação e ouviram meus desabafos, principalmente os de “não aguento mais fazer trabalho em grupo”. Família Monis, vocês são incríveis!

Agradeço principalmente ao meu noivo, Kaíque Wagner, talvez a pessoa que mais tenha sofrido com minhas mudanças de humor. De repente me vi em uma situação em que tinha dois estágios, um TCC e um casamento para organizar. A presença e o apoio dele em minha vida foram fundamentais para que eu continuasse em frente. Obrigada por ser meu companheiro! Obrigada por todo o apoio dado nesta graduação, desde o reconhecimento e valorização da minha futura profissão, até as caronas à faculdade, a paciência para ouvir meus desabafos e as congratulações quando eu te falava minhas notas.

Palavras de gratidão também devem ser ditas à minha orientadora, Andréa Pereira dos Santos, que não me deixou mudar o tema e o defendeu até mais do que eu no início (hoje eu já o amo). Obrigada por cada correção detalhada e por todo o tempo dispendido para tentar deixar meu trabalho o melhor possível. Essas páginas são nossas, pois ainda que eu tenha escrito, você me ajudou a aprimorar. Agradeço também à professora Maria de Fátima Gaberlini, que aceitou participar da banca examinadora. Em toda a graduação, tive um carinho muito grande por você e fico bastante contente que esteja fazendo parte deste momento importante.

Por fim, agradeço a Deus, que me deu toda a força de vontade para continuar e permitiu não só que eu chegasse a este momento, como também que eu tivesse a honra de compartilhá-lo com todas as pessoas citadas aqui.

RESUMO

Apresenta um panorama geral da biblioterapia no Brasil e busca mostrar as dificuldades e limitações que esta prática enfrenta no país, sob os vieses teórico, prático e geográfico. Porém, antes de adentrar em tal objetivo, precisou-se conceituar a biblioterapia, entender os componentes biblioterapêuticos desta prática, bem como abordar a relação entre biblioterapia e biblioteconomia para que o leitor possa entender melhor sobre o tema discutido. A fim de expor o panorama da biblioterapia no Brasil realizou-se um levantamento bibliográfico nos quais foram expostos vinte estudos acadêmicos de biblioterapia em todas as regiões do país. Já para ressaltar as dificuldades e limitações desta prática enviaram-se questionários *on-line* para pesquisadores atuantes na área e complementou-se com o que já existia na literatura especializada, com essas duas fontes foi possível obter as dificuldades e limitações sob os vieses teórico, prático e geográfico. Afirma-se que, para a pesquisa de campo, foram selecionados vinte pesquisadores para o envio dos questionários *on-line*, porém apenas onze responderam no período solicitado. Ao unir os resultados da pesquisa de campo e do levantamento bibliográfico, verificou-se que entre as principais dificuldades e limitações da biblioterapia encontram-se a falta de reconhecimento científico e a pouca divulgação desta prática, inclusive, dentro das Universidades. Além disso, pode-se citar também a escassez de treinamentos adequados aos profissionais, o que resulta em falta de uniformidade e consenso entre eles. Encontrou-se também limitação no que diz respeito à distribuição desigual de cursos e estudos acadêmicos de biblioterapia no país, estes concentram-se nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste e são raras no Centro-Oeste e Norte. Conclui-se, assim, que a biblioterapia lida com diversas dificuldades e limitações e que para superá-las será preciso obter reconhecimento científico e acadêmico e maior divulgação, assim, conseqüentemente, a demanda de cursos e treinamentos para biblioterapeutas poderá aumentar e expandir para todas as regiões do país, tornando a prática mais difundida entre os usuários.

Palavras-chave: Biblioterapia. Leitura. Brasil.

ABSTRACT

Presents an overview of bibliotherapy in Brazil and seeks to show the difficulties and limitations that this practice faces in the country, under the theoretical, practical and geographical biases. However, before entering this objective, it was necessary to conceptualize bibliotherapy, understand the bibliotherapeutic components of this practice, as well as address the relationship between bibliotherapy and library Science so that the reader can better understand the topic discussed. In order to expose the panorama of bibliotherapy in Brazil, a bibliographic survey was conducted in which twenty academic studies of bibliotherapy were exposed in all regions of the country. To highlight the difficulties and limitations of this practice, online questionnaires were sent to researchers working in the field and complemented by what already existed in the specialized literature, with these two sources it was possible to obtain the difficulties and limitations under the theoretical biases, practical and geographical. It is stated that for the field research, twenty researchers were selected to submit the questionnaires online, but only eleven answered in the requested period. By uniting the results of the field research and the bibliographic survey, it was found that among the main difficulties and limitations of bibliotherapy are the lack of scientific recognition and the little dissemination of this practice, even within universities. In addition, one can also cite the lack of adequate training for professionals, which results in a lack of uniformity and consensus between them. There was also a limitation regarding the unequal distribution of bibliotherapy courses and academic studies in the country, which are concentrated in the South, Southeast and Northeast regions and are rare in the Midwest and North. It is concluded, therefore, that bibliotherapy deals with several difficulties and limitations and that overcoming them will require scientific and academic recognition and greater dissemination, thus, the demand for courses and training for bibliotherapists may increase and expand for all regions of the country, making the practice more widespread among users.

Keywords: Bibliotherapy. Reading. Brazil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Ações para alcançar os objetivos específicos.....	13
Quadro 2 – Estudos acadêmicos sobre projetos de biblioterapia espalhados pelo Brasil.....	31
Quadro 3 – Formação dos respondentes.....	51
Figura 1 – Distribuição nacional da oferta de cursos presenciais e a distância de bacharelados em Biblioteconomia.....	53
Quadro 4 – Conhecimento sobre cursos ou especializações sobre biblioterapia na sua região de atuação.....	55
Quadro 5 – Quadro quantitativo de cursos em biblioterapia por região.....	56
Quadro 6 – Experiência dos respondentes com a prática da biblioterapia.....	60
Quadro 7 – Equipe multidisciplinar.....	63
Quadro 8 – Dificuldades e limitações encontradas na prática.....	64
Quadro 9 – A biblioterapia tem reconhecimento enquanto prática terapêutica?.....	68

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	METODOLOGIA.....	11
2.1	COLETA DE DADOS.....	12
2.2	ETAPAS DA COLETA DE DADOS.....	14
2.2.1	Levantamento bibliográfico.....	14
2.2.2	Questionário <i>on-line</i>.....	15
2.2.3	Instrumentos de análise de dados.....	17
3	BIBLIOTERAPIA.....	18
3.1	ORIGEM, DEFINIÇÕES E OBJETIVOS.....	18
3.2	COMPONENTES BIBLIOTERAPÊUTICOS.....	21
3.2.1	Catarse.....	21
3.2.2	Humor.....	22
3.2.3	Identificação.....	23
3.2.4	Introjeção e projeção.....	23
3.2.5	Introspecção.....	24
3.3	APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA.....	24
3.4	A FUNÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO.....	28
4	BIBLIOTERAPIA NO BRASIL: RESULTADOS ALCANÇADOS.....	31
4.1	REGIÃO NORTE.....	33
4.2	REGIÃO NORDESTE.....	34
4.3	REGIÃO CENTRO-OESTE.....	37
4.4	SUDESTE.....	39
4.5	SUL.....	40
4.6	ANÁLISE GERAL DOS ESTUDOS ACADÊMICOS DE PROJETOS DE BIBLIOTERAPIA.....	44
5	DIFICULDADES E LIMITAÇÕES DA BIBLIOTERAPIA.....	47
6	PANORAMA DA BIBLIOTERAPIA NO BRASIL: DIFICULDADES E LIMITAÇÕES.....	51
6.1	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO QUESTIONÁRIO.....	51
6.1.1	Formação e contato com a biblioterapia.....	51
6.1.2	Experiências com a biblioterapia.....	60
6.1.3	Limitações e dificuldades: como superá-las?.....	64
6.1.4	Reconhecimento da biblioterapia.....	67
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE PERGUNTAS.....	80

1 INTRODUÇÃO

A Biblioteconomia é uma área em crescimento e, como tal, vem oferecendo ao bibliotecário diversas opções além do tradicional espaço da biblioteca. Desse modo, em cada local este profissional tem a opção de realizar diversas atividades já conhecidas nesse meio como tratamento técnico das obras, atendimento ao usuário, ensino, aquisição e seleção de materiais, restauração de obras físicas, formatação de trabalhos acadêmicos, confecção de fichas catalográficas. Contudo, uma atividade ainda pouco praticada pelos bibliotecários é a biblioterapia.

Esta forma de terapia surgiu quando se percebeu que a leitura era uma forma de fazer os pacientes enfrentarem seus medos e angústias e até trazer à tona lembranças inibidas, liberando emoções ou tensões que antes não conseguiam ser expressadas por formas conscientes. Como cada paciente é único, cada um reagiria de uma forma diferente em relação à leitura e esta experiência poderia ser compartilhada com outras pessoas que passam pelo mesmo problema.

Caldin (2001) afirma que a biblioterapia possui duas formas de intervenção distintas. Ela pode ser realizada com pessoas sem patologia alguma, como forma preventiva e visando algo mais do que uma cura, sendo denominada de biblioterapia do desenvolvimento. Mas há também a biblioterapia clínica, que envolve pessoas com problemas emocionais ou mentais. Nesse caso, principalmente, é necessária uma equipe multiprofissional, composta por médicos, psicólogos, enfermeiros, entre outros, já que envolve saberes fora do alcance do bibliotecário (PEREIRA, 2016).

Seja qual for a forma de intervenção, preventiva ou curativa, diversos autores concordam que o objetivo primordial da biblioterapia é oferecer mudança ao paciente e fazê-lo refletir e obter crescimento emocional, compreender suas emoções, verbalizar suas dificuldades a partir de alguns componentes terapêuticos, expostos por Caldin (2001), a saber: a catarse, o humor, a identificação, a projeção e a introspecção, que serão melhor explicados no decorrer do trabalho.

Ainda sobre a prática, é importante ressaltar que ela pode perpassar pelos mais distintos ambientes como escolas, asilos, hospitais e até presídios.

Mesmo havendo inúmeras opções de atuação, a inserção desta prática no fazer bibliotecário e as pesquisas nesta área ainda são poucas no Brasil, conforme assinala Rocha (2014). Partindo-se desta afirmação, pretende-se responder à seguinte **questão problema**: quais são as dificuldades e as limitações que impedem

a biblioterapia de alavancar no Brasil? Uma vez expostos os questionamentos, esta monografia trabalha com a **hipótese** de que a falta de divulgação e de reconhecimento científico por parte das Universidades e a escassez de cursos e oficinas sobre a biblioterapia vêm impedindo o seu efetivo crescimento no país.

A fim de auxiliar a confirmação ou refutamento de tal hipótese, tem-se como **objetivo geral** saber, sob os vieses teórico, prático e geográfico, as dificuldades e limitações da biblioterapia no Brasil. Para que se pudesse alcançar tal objetivo, foi preciso enveredar por **objetivos específicos** como: conceituar a biblioterapia; entender os componentes terapêuticos desta prática; abordar a relação entre biblioterapia e biblioteconomia; traçar um panorama de estudos acadêmicos de biblioterapia no Brasil; pesquisar na literatura as dificuldades e limitações desta prática; conhecer os principais pesquisadores dessa área no Brasil e entrevistar profissionais que atuam com biblioterapia para obter seu ponto de vista sobre essas dificuldades e limitações.

Após breve introdução, tal pesquisa é realizada sob a **justificativa** de que a biblioterapia é um campo pouco explorado na Biblioteconomia. Assim, busca-se mostrar aos bibliotecários, graduandos e demais interessados no tema como se dá esta prática através de um levantamento bibliográfico e por meio do envio de questionários para especialistas. Outra motivação, igualmente importante, é contribuir com a literatura especializada na área da Biblioteconomia, visto que a biblioterapia é passível de pouca divulgação, inclusive na própria formação dos alunos, como será demonstrado mais adiante. Além disso, há necessidade de expor o levantamento de estudos acadêmicos biblioterapêuticos pelo Brasil para que profissionais da Biblioteconomia que se interessem por este campo possam se inspirar em ações que lograram êxito, bem como conhecer quais as melhores regiões do país para buscar profissionalização e experiência em biblioterapia. O trabalho mostra-se relevante também para diversas áreas, já que o tema abordado, sendo uma forma de terapia, é um trabalho multidisciplinar, que envolve psicólogos, bibliotecários, enfermeiros, entre outros profissionais. Por fim, ressalta-se a relevância social deste tema, visto que a biblioterapia, se devidamente praticada por profissionais bem capacitados, pode proporcionar bem-estar às diversas camadas da população.

Cabe ressaltar também que este trabalho é parte integrante do projeto “A leitura e suas concepções teóricas, históricas e conceituais: perspectivas no campo do letramento informacional, da comunicação e comportamento informacional em diferentes instâncias educacionais formais e informais”, coordenado pela professora doutora Andréa Pereira dos Santos, aprovado no comitê de ética da Universidade Federal de Goiás (UFG), sob o parecer nº 2.543.521.

2 METODOLOGIA

Pesquisa, para Gil (2010), é a ação que visa obter respostas a problemas quando ainda não há informação suficiente para respondê-los. Sendo assim, este trabalho se propôs a analisar o atual panorama da biblioterapia no Brasil ao expor alguns projetos que já foram aplicados ao longo do país e relacionar ao contexto sociocultural e educacional de cada região. Além disso, pretendeu-se, através da experiência dos pesquisadores em biblioterapia, abordar os preconceitos, limitações e dificuldades que esta prática pode enfrentar.

Ainda sobre a pesquisa, Matias-Pereira (2007), afirma que ela pode ser classificada de diversas maneiras, como, por exemplo, de acordo com sua natureza, quanto à forma de abordagem do problema, do ponto de vista dos objetivos e segundo os procedimentos técnicos.

Tendo essa divisão em vista, esta monografia classifica-se, segundo a natureza, como básica, visto que tem o propósito de gerar novos conhecimentos úteis para o avanço do tema em questão. Este tipo de pesquisa não tem aplicação prática prevista (MATIAS-PEREIRA, 2007), já que apenas apresenta um panorama da biblioterapia no Brasil e discute suas limitações e dificuldades.

Para que este panorama seja analisado, é fundamental que se realize uma pesquisa qualitativa. Mesmo que tenha havido certa preocupação com a representatividade numérica na pequena amostra de estudos acadêmicos coletados, para que se percebesse quais regiões utilizam com maior ou menor frequência a biblioterapia, não foram utilizados recursos ou técnicas estatísticas. Contudo, o quesito qualitativo mostrou-se essencial, já que os projetos foram detalhados e analisados, juntamente com o conteúdo do questionário dos pesquisadores. Deste modo, foi possível obter respostas para o que se buscava encontrar: as dificuldades e as limitações da prática da biblioterapia no Brasil, relacionando-as ao levantamento de estudo acadêmicos.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa pode ser considerada exploratória, pois, como declara Gil (2000 apud MATIAS-PEREIRA, 2007), ela visa proporcionar maior familiaridade com o problema, isto é, o leitor poderá adentrar-se nas possíveis limitações e dificuldades que permeiam a biblioterapia. Algumas das características da pesquisa exploratória são bem visíveis neste trabalho, pois considera diversos aspectos relativos ao fenômeno estudado e a coleta de dados ocorre especialmente

de três maneiras: levantamento bibliográfico, questionário com pessoas experientes no assunto e análise de exemplos (GIL, 2010). Os dois primeiros foram utilizados aqui, uma vez que foi feito um panorama com os principais estudos acadêmicos de biblioterapia aplicados nas cinco regiões do país (levantamento) e logo em seguida aplicou-se questionários com os pesquisadores mais citados nas pesquisas de modo que se pudesse ter um relato mais rico e completo acerca da prática vivenciada por eles.

Em relação aos procedimentos técnicos, a pesquisa é tanto bibliográfica como um levantamento. É bibliográfica, pois foi elaborada predominantemente por meio de materiais escritos já publicados, especialmente artigos de periódicos e monografias (MATIAS-PEREIRA, 2007). Por meio destes materiais, demonstraram-se experiências em biblioterapia publicados por autores brasileiros. Ainda sobre a pesquisa bibliográfica, Gil (2010) afirma que uma de suas vantagens é permitir uma cobertura mais ampla de fenômenos que não poderiam ser pesquisados diretamente. No caso deste trabalho, tal vantagem mostra-se importante já que analisou dados dispersos pelo território brasileiro. Além disso, a pesquisa é considerada um levantamento por envolver “a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer” (GIL, 2010, p. 35). Neste trabalho optou-se por conhecer a realidade de biblioterapeutas que se mostraram importantes de alguma forma na biblioterapia, para que, ao final, conclusões pudessem ser elaboradas.

Por fim, Matias-Pereira (2007) afirma que uma pesquisa pode ter uma abordagem dedutiva, indutiva, dialética ou hipotético-dedutiva. De acordo com a definição deste autor, esta pesquisa caracteriza-se com uma abordagem indutiva, visto que parte de premissas particulares para se chegar ao conhecimento universal. Assim, a partir de questionários *online* e levantamentos bibliográficos será possível confirmar ou refutar a hipótese de que há dificuldades e limitações na prática da biblioterapia no Brasil.

2.1 COLETA DE DADOS

A coleta de dados é o momento da pesquisa em que se obtém dados e informações sobre o que se pretende estudar a fim de alcançar os objetivos propostos. Segundo Gil (2002), a coleta é feita de diferentes formas, dependendo do tipo de pesquisa que se deseja realizar.

Como a pesquisa em questão se classifica em bibliográfica e em levantamento, houve dois métodos de coleta de dados que se complementaram para que o tema pudesse ser apropriadamente abordado. Primeiramente, Gil (2002) recomenda que a obtenção de materiais para a pesquisa bibliográfica seja feita por meio de empréstimos ou consulta de livros em bibliotecas, por bases de dados ou por sites da internet. Já para o levantamento, o autor sugere que sejam utilizados questionários, formulários e entrevistas. Quaisquer das opções são válidas desde que elas possam trazer dados válidos para a finalização da pesquisa.

No quadro a seguir, serão elencados os objetivos específicos que se pretendem atingir juntamente com as ações necessárias para chegar até eles.

QUADRO 1 – Ações para alcançar os objetivos específicos

Objetivos específicos	Ações para alcançá-los
Conceituar a biblioterapia	• Pesquisa bibliográfica • Pontuações teóricas
Entender os componentes terapêuticos da biblioterapia	• Pesquisa bibliográfica • Pontuações teóricas
Traçar um panorama de estudos acadêmicos de biblioterapia no Brasil	• Pesquisa bibliográfica • Questionário: “No seu Estado ou na sua região há cursos ou especializações sobre a biblioterapia? Se sim, quais? Em quais cidades?”
Pesquisar dificuldades e limitações da biblioterapia	• Pesquisa bibliográfica • Questionário: “Encontrou alguma dificuldade ou limitação (em relação ao público, equipe, local ou outra) nas vezes em que aplicou a biblioterapia? Se sim, você pode comentar sobre elas?” “Sobre a biblioterapia no Brasil, de forma geral, quais as dificuldades e limitações que ela vem enfrentando?” “O que seria essencial para superar tais dificuldades e limitações?”
Conhecer pesquisadores de biblioterapia	• Pesquisa bibliográfica • Questionário: “Nome, idade, sexo” “Formação e tempo de formação” “Como teve contato ou conhecimento acerca da biblioterapia?” “Fez alguma especialização ou participou de algum minicurso, oficina ou workshop para aplicar a biblioterapia? Se sim, quais?” “Qual a sua experiência com biblioterapia?” “Quem foi o público-alvo?” “Alguma equipe trabalhou com você? Quais profissionais?”
Enviar questionários para profissionais que atuam com biblioterapia para obter seu ponto de vista sobre dificuldades e limitações	• Questionário “Na sua opinião, o que impede a biblioterapia de crescer e ser mais reconhecida na sua região?”

	“Sobre a biblioterapia no Brasil, de forma geral, quais as dificuldades e limitações que ela vem enfrentando?” “O que seria essencial para superar tais dificuldades e limitações?”
--	--

FONTE: Elaborado pela autora (2019)

2.2 ETAPAS DA COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi dividida em duas fases: em um primeiro momento realizou-se um levantamento bibliográfico por meio da revisão de literatura e, em seguida, enviou-se questionários para os pesquisadores mais citados, que atuam ou atuaram com a biblioterapia em algum momento de suas carreiras.

2.2.1 Levantamento bibliográfico

Nesta primeira fase, foi feita a pesquisa bibliográfica em bases de dados relevantes como a Scielo (*Scientific Eletronic Library Online*), Brapsi (Base de Dados em Ciência da Informação), Portal da Capes, banco de teses e dissertações do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), *Google Acadêmico* e *Google Books*. As palavras chaves utilizadas variaram entre “biblioterapia”, “panorama da biblioterapia”, “biblioterapia no Brasil”, “projeto de biblioterapia”, “aplicação da biblioterapia”.

Com esta pesquisa inicial, os *links* nos direcionaram a diversos repositórios institucionais de universidades (Fundação Oswaldo Cruz, Universidade Federal da Paraíba, Universidade do Estado de Santa Catarina, Universidade Federal do Pará, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal de Goiás, Universidade de Brasília, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Rio Grande do Sul), bem como para revistas importantes da área da Ciência da Informação (Perspectivas em Ciência da Informação, Informação & Sociedade: Estudos, Biblionline, Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Revista ACB e Informação e Informação).

Para que o cronograma pudesse ser rigorosamente seguido e a pesquisa pudesse ser feita em tempo hábil, foram disponibilizadas duas semanas para o levantamento bibliográfico utilizando-se da técnica descrita nos parágrafos anteriores. Ao final deste período, foram encontrados 42 (quarenta e dois) materiais, entre artigos e monografias, para compor a revisão de literatura desta monografia; destes alguns consistiam em teoria sobre a biblioterapia e outros – vinte – descreviam experiências aplicadas nos mais diversos locais.

A fim de obter um panorama de estudos acadêmicos que descreviam a aplicação da biblioterapia no Brasil, segundo o critério “regiões geográficas”, todos os vinte materiais textuais encontrados foram utilizados e destrinchados na revisão de literatura. Acreditamos que com este número já se poderia ter uma noção do fluxo regional do tema pesquisado, visto que duas regiões se destacaram bastante quando se fala em aplicação da biblioterapia.

Para o capítulo posterior, denominado “Dificuldades e limitações da biblioterapia”, pesquisou-se em todos os 42 artigos as seguintes palavras-chave, tanto no singular quanto no plural: “limitação”, “impasse”, “obstáculo”, “dificuldade”, “preconceito”, “carece” e “restrição”. Os artigos que mostraram ao menos alguma dessas palavras-chave foram escolhidos para ajudar na composição do capítulo 5 desta monografia.

Gil (2010) afirma que toda pesquisa acadêmica requer este momento da pesquisa bibliográfica e a partir dele foi possível constituir um panorama geral da biblioterapia no Brasil de acordo com as regiões geográficas: do norte conseguimos apenas um artigo, do nordeste obtivemos cinco artigos, do sudeste e centro-oeste encontramos dois artigos de cada região e do sul escolhemos seis.

Contudo, para que a discussão pudesse ser enriquecida, buscou-se relacionar este levantamento bibliográfico ao discurso de profissionais que contribuíram de alguma forma para a biblioterapia. Deste modo, foi possível obter conclusões acerca da problematização inicial.

2.2.2 Questionário *on-line*

Para que a questão acerca das dificuldades e limitações da biblioterapia fosse melhor aprofundada, foram enviados, após o levantamento bibliográfico, questionários (ver Apêndice A) para os e-mails de pesquisadores que atuaram com esta prática em suas carreiras. Estes foram selecionados por meio da bibliografia que compõe este trabalho e indicação dos pares. A ideia inicial era contatar todos os pesquisadores que compuseram o levantamento bibliográfico por regiões, no capítulo 4. Contudo, não conseguimos o *e-mail* de todos, apenas de 18 (dezoito) deles. Além disso, duas colegas da Biblioteconomia, ao saber do tema da pesquisa, indicaram dois pesquisadores que estudam ou atuam com biblioterapia, sendo os

dois únicos que não fazem parte do levantamento bibliográfico supracitado. Assim, ao final, enviamos *e-mail* para 20 (vinte) pesquisadores.

O processo de busca pelo endereço eletrônico deu-se primeiramente nos artigos, que costumam ter este tipo de informação, e por buscas pelo *Google*, ao digitar o nome dos pesquisadores. Após este processo, entramos em contato com os sujeitos de pesquisa e explicamos que se tratava de um trabalho de conclusão de curso, parte do projeto coordenado pela professora doutora Andréa Pereira dos Santos, denominado “A leitura e suas concepções teóricas, históricas e conceituais: perspectivas no campo do letramento informacional, da comunicação e comportamento informacional em diferentes instâncias educacionais formais e informais”.

Após explicações iniciais, no corpo do *e-mail* também havia o *link* que redirecionava ao questionário, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ambos confeccionados pela ferramenta “*Google Forms*”, um serviço do *Google* que tem a missão de facilitar a criação de formulários. Ao clicar em “sim”, na primeira página do *link*, os pesquisadores aceitavam o termo supracitado e logo apareciam as perguntas a serem respondidas.

Os formulários foram enviados no dia 15 de setembro de 2019 e ficaram disponíveis até 02 de outubro de 2019. Neste período apenas 11 (onze) pessoas enviaram suas repostas. Não foi possível aguardar um tempo maior a fim de obter mais respostas, devido a data final de entrega da monografia.

Ressalta-se que, para Gil (2002), o questionário é uma conjunto de questões a serem respondidas por escrito pelo pesquisado, sendo o meio mais rápido e mais barato para obtenção de respostas, além de garantir o anonimato. Para esta pesquisa, foi o método que mostrou-se mais eficiente, já que não dispúnhamos de verba ou tempo suficiente para retorno dos respondentes

As questões do formulário encontram-se no apêndice e, além de pedir a identificação de cada pesquisador, focam no contexto das dificuldades e limitações que eles enfrentaram ou enfrentam ao trabalhar com a biblioterapia. O objetivo das perguntas é de enriquecer o que foi encontrado nos diversos artigos sobre esta questão, porém diferente do que ocorre em todos eles, aqui abordamos essas dificuldades de maneira mais aprofundada e não superficialmente.

2.2.3 Instrumentos de análise de dados

Para que se chegasse ao objetivo maior da pesquisa, isto é, conhecer limitações e dificuldades que a biblioterapia enfrenta no Brasil, primeiramente foi preciso analisar o panorama geral desta prática no nosso país.

Tendo tais metas em vista, a análise de dados também foi dividida em dois momentos. Primeiramente, interpretou-se os dados do levantamento bibliográfico, buscando possíveis respostas para explicar a distribuição dos projetos de aplicação da biblioterapia nas diversas regiões do Brasil. Para isso, foram consultadas fontes como *websites* de universidades, currículo *lattes* de autores, análises de outros pesquisadores em artigos, entre outras.

Com a devida interpretação do levantamento, foi possível relacioná-la às respostas dos questionários, de modo que se analisassem dificuldades e limitações da biblioterapia sob três vieses: geográfico (através do levantamento por regiões do Brasil), teórico (por meio do que a literatura afirma sobre o assunto) e prático (de acordo com a percepção dos entrevistados, por meio de suas respostas e experiências pessoais).

3 BIBLIOTERAPIA: HISTÓRIA, TEORIA E CONCEITO

Diversas são as definições para o termo biblioterapia, porém todos os conceitos têm em comum que a prática consiste, resumidamente, em utilizar a leitura para auxiliar tanto pessoas enfermas, como indivíduos saudáveis que buscam atingir o autoconhecimento, o desenvolvimento de maturidade e a manutenção da saúde mental.

Para que se possam esclarecer as principais dúvidas sobre a biblioterapia, é necessário perpassar desde sua origem até esmiuçar os objetivos desta prática. Neste caminho, é preciso entender os principais componentes biblioterapêuticos, expostos por Caldin (2001), autora de importância fundamental no tema abordado, e compreender que a biblioterapia pode ser utilizada por diversos profissionais e nos mais variados locais.

3.1 ORIGEM, DEFINIÇÕES E OBJETIVOS

A biblioterapia, apesar de ainda ser uma prática pouco conhecida, não é tão recente. Autores como Ribeiro (2006) afirmam que ela existe desde a Antiguidade, quando se realizava a leitura de histórias para entreter crianças e adolescentes no tempo ocioso, a partir daí começou-se a perceber que esta prática poderia ter caráter terapêutico. Exemplo disso é que no antigo Egito, o faraó Ramsés II colocou em frente a sua biblioteca a frase “Remédios para alma” e também era comum que as demais bibliotecas egípcias fossem vistas como locais de conhecimento e espiritualidade. Já em outra civilização, a grega, as bibliotecas eram concebidas como “a medicina da alma”, pois os gregos tinham o costume de associar livros a tratamentos médico-espirituais. Tal tendência também foi percebida no Império Romano, prova disso é que o importante enciclopedista chamado *Aulus Cornelius Celsus*, escritor de “*De Medicina*” (Sobre a medicina), considerado um dos mais importantes tratados médicos da antiguidade tardia, recomendou a leitura como forma de tratamento médico (RIBEIRO, 2006). Pereira (1996, p.30) também ressalta a importância da leitura para as civilizações antigas, inclusive o povo grego que afirmava “que suas bibliotecas eram repositórios de remédio para o espírito,

enquanto que os romanos achavam que as orações poderiam ser lidas para os pacientes melhorarem a sua saúde mental”.

Esta tendência é vista inclusive na Idade Média, um período fortemente marcado pela religiosidade. Naquela época, as bibliotecas ficavam localizadas em mosteiros e templos e a leitura religiosa era vista como aquela que traria cura e salvação à alma. Tal fato é bem ilustrado pela Biblioteca da Abadia de São Gall que possuía a seguinte inscrição: “Tesouros dos remédios da alma” (NASCIMENTO; ROSEMBERG, 2007).

Já na Idade Contemporânea, especificamente em 1802, o norte-americano Benjamin Rusch foi pioneiro em seu país ao indicar a leitura para doentes e, oito anos depois, recomendou a biblioterapia como forma de apoio à psicoterapia para o enfrentamento de conflitos internos, depressão ou fobias (RIBEIRO, 2006).

A partir de então, segundo Silva (2014), a biblioterapia obteve um desenvolvimento marcante, especialmente nos Estados Unidos da América, onde médicos, entre os anos de 1802 a 1853, selecionavam livros cuidadosamente para seus pacientes hospitalizados, até que, finalmente, o norte-americano Samuel Crothers, em 1916, foi o primeiro a utilizar o termo “biblioterapia”, tratando-a como uma ciência (PEREIRA, 2016). A partir da década de 30, a biblioterapia se firmou como um campo de pesquisa, e biblioterapeutas importantes como Isabel Du Boir e Emma T. Foreman foram essenciais para que este modelo de terapia fosse consagrado como ciência e não só como arte (ORSINI, 1982 *apud* FERREIRA, 2003).

Contudo, foi só em 1941 que o termo foi definido pela primeira vez, no *Dorland's Illustrated Medical Dictionary* como “o emprego de livros, através da literatura dirigida, no tratamento de doentes mentais” (RATTON, 1975 *apud* FERREIRA, 2003, p. 37). E poucos anos depois, em 1949, Caroline Shrodes despontou como a primeira PHD em Biblioterapia, com sua tese “Biblioterapia: um estudo teórico e clínico experimental”, na qual abordou que esta prática também poderia ser utilizada no auxílio ao desenvolvimento da maturidade, bem como para nutrir e manter a saúde mental (RIBEIRO, 2006).

Desde o seu surgimento, diversos autores propuseram as mais distintas definições para a biblioterapia que apresentam similitudes e alguns acréscimos em relação à definição original empregada na década de 40. Ferreira (2003) aponta que

em 1961 o *Webster's Third Internacional Dictionary* definiu a biblioterapia como “uso de material de leitura selecionada, como adjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia” e “guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida”. Já para Ruth Tews (1962 *apud* RIBEIRO, 2006), a biblioterapia consistia em selecionar materiais de leitura, utilizados de forma conduzida e controlada, para tratar problemas emocionais, sob orientação médica. Ribeiro (2006) também acredita no bem-estar dos pacientes e define a biblioterapia como uma contribuição terapêutica que busca minimizar os sentimentos de angústia, fragilidade e isolamento decorrentes da internação. A leitura dirigida tem a função de possibilitar a ampliação de horizontes de conhecimentos e de auxiliar no desenvolvimento emocional e mudança de comportamento dos pacientes. Balbinotti (2017) acrescenta que esta modalidade de leitura também deve transmitir otimismo e alegria aos pacientes, concedendo importância primordial no processo de seleção de textos.

Ressalta-se que há outras definições que incluem conceitos mais abrangentes, pois a prática começou a ser vista por muitos autores como algo não mais exclusivo a quem possuía problemas médicos. Oaknin (1996) foi bem sintético e definiu a biblioterapia como uma terapia por meio de livros. Esta definição foi ampliada por estudiosos como Ferreira (2016) que traz a biblioterapia como um processo terapêutico baseado na literatura, que utiliza materiais selecionados para provocar o *insight* e a catarse por meio de discussões grupais, sendo, desta forma, um processo interativo de sentimentos e valores e objetivando o crescimento e desenvolvimento pessoal. Orsini (1982 *apud* ALMEIDA, 2011) segue esta mesma linha de pensamento e afirma que a técnica pode ser utilizada para diagnóstico, tratamento e prevenção de problemas pessoais. Caldin (2001), nome bastante expressivo nesta temática, define a biblioterapia como a leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, através da qual elas expressam seus sentimentos, receios e angústias. Calixto e Belmino (2013, p. 23) corroboram com o contexto da biblioterapia fora do ambiente hospitalar e afirmam que a técnica:

[...] pode ser usada por profissionais de diferentes áreas (bibliotecários, psicólogos, médicos), em diferentes espaços (hospitais, asilos, penitenciárias, escolas), com diversos objetivos (dependendo da vertente a ser seguida), em diferentes grupos de pessoas (a depender das necessidades de cada uma).

Acerca dos objetivos mencionados no trecho acima, pode-se afirmar que a biblioterapia tem vários deles, que poderão ser alcançados de acordo com as outras variáveis, alguns deles, de acordo com Pereira (2016), são a reflexão, o crescimento emocional, a compreensão das emoções, a exteriorização das dificuldades por meio da identificação com os personagens do texto, melhora da saúde mental e busca da paz interior.

Outros objetivos igualmente importantes são citados por Gottschalk (*apud* CALDIN, 2001) e inclui o melhor entendimento do paciente sobre suas reações psicológicas e físicas, o auxílio para que o paciente possa conversar sobre suas aflições, a percepção de que seu problema já foi vivido por outro, o que leva ao aumento da autoestima, o reforço de padrões socialmente aceitos, a vivência de experiências sem ter que passar por perigos reais e o estímulo à imaginação.

Já Caldin (2009) reitera que o principal objetivo da técnica é a produção de um efeito terapêutico que possa moderar as emoções, trabalhar a imaginação e proporcionar a reflexão, seja por catarse, identificação ou introspecção. Estes, segundo a autora, fazem parte dos componentes biblioterapêuticos desta prática e serão explicitados no tópico a seguir.

3.2 COMPONENTES BIBLIOTERAPÊUTICOS

É possível encontrar elementos comuns na biblioterapia, independente do seu objetivo e da forma como é aplicada, tais elementos, segundo Caldin (2001), são denominados de componentes biblioterapêuticos. São eles: catarse, humor, identificação, introjeção, projeção e introspecção. A autora ressalta que se o envolvimento com a história produzir os elementos supracitados, é sinal de que ela cumpriu com seu propósito terapêutico (CALDIN, 2010).

3.2.1 Catarse

Catarse é um termo retirado tanto da Antiguidade Grega quanto da Psicanálise de Sigmund Freud. Para os gregos, a catarse seria um momento de purificação emocional e liberação de emoções (ABREU; ZULUETA e ENRIQUES, 2013), tanto que Aristóteles acreditava que a catarse era essencial para se eliminar as impurezas do corpo e restabelecer o equilíbrio da saúde (SOUSA, 2012). Freud,

por sua vez, via a catarse como o processo no qual o paciente rememora – e exterioriza – eventos traumáticos que lhe causaram sofrimento psíquico, com essa exteriorização, ocorre uma descarga de afeto acumulado, o que gera o desaparecimento dos sintomas que ocasionavam todo o sofrimento (VALENTE, 2013). Seguindo este conceito, o Dicionário Médico *Online* define esta técnica como essencial à remissão dos sintomas através da exteriorização verbal e emocional de traumas e afetos reprimidos (PEREIRA, 2016).

Trazendo a catarse para o âmbito biblioterapêutico, Caldin (2009) a define como purgação e purificação, pois por meio dela é possível se livrar das energias ruins do corpo, como tensões e ansiedade, por isso é importante escolher bem o material a ser lido, para que não tenha o efeito contrário. Durante a biblioterapia, o leitor se envolve emocionalmente com a leitura, esta desempenha uma função catártica a partir do momento em que o leva a uma descarga de ideias e emoções. Esta descarga, provavelmente, ocasiona o alívio da tensão no leitor, e, em consequência, minimiza a intensidade dos conflitos psíquicos (PEREIRA, 2016).

3.2.2 Humor

Assim como no item anterior, aqui Caldin (2001) também buscou aporte na teoria psicanalítica, a qual via o humor como um mecanismo que o ego utiliza contra as circunstâncias adversas, protegendo o indivíduo do sofrimento e da dor (FREUD, 1969). Assim, “textos que privilegiem o humor constituem um exemplo de possibilidade terapêutica por meio da leitura” (CALDIN, 2001, p. 38).

Além da psicanálise, o humor também pode ser explicado pela via fisiológica, visto que é comprovado cientificamente que esboçar um sorriso ou soltar uma gargalhada ajudam na produção de endorfinas, aumentando a sensação de bem-estar (PIRES; SILVA, 2009). Assim exposto, é importante que o profissional realize uma boa seleção do material de leitura de modo que possa obter alguma dose de humor no processo biblioterapêutico, especialmente se a técnica estiver sendo utilizada em pessoas acometidas por doenças, que, muitas vezes, se esquecem de sorrir e não se lembram como é a sensação de bem-estar, mesmo que por pouco tempo.

3.2.3 Identificação

A identificação é outro fator de fundamental importância na teoria psicanalítica e é algo a que todo ser humano está sujeito. O Vocabulário de Psicanálise define este componente como “um processo pelo qual o sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 226).

Na biblioterapia, a identificação acontece quando o leitor passa a imitar os personagens ou até mesmo incorpora alguns de seus traços. Este processo inclui também certo agrado ou desagrado com opiniões e atitudes do personagem, bem como a criação de uma ligação afetiva com ele (PEREIRA, 2016). Por esses e outros aspectos Caldin (2005) vê a identificação como componente essencial na biblioterapia, já que esta ligação pode oferecer vantagens ao leitor como buscar outras formas de encarar seus problemas e aprender a lidar com suas emoções e sentimentos (ROCHA, 2014). Exemplo disso é que se o leitor se identifica, por exemplo, com um personagem que passa pelas mesmas situações que ele vivencia ou já vivenciou e tem uma atitude mais positiva e vitoriosa em relação àquilo, o paciente, que muitas vezes se vê sem esperança, pode ser incentivado a alterar sua percepção acerca de seus problemas.

3.2.4 Introjeção e projeção

Tanto a introjeção quanto a projeção estão intimamente relacionadas à identificação. Enquanto o primeiro conceito refere-se ao processo em que o sujeito absorve ou incorpora para si objetos e qualidades inerentes a esses objetos, o segundo está relacionado a operação em que o sujeito expulsa de si e encontra no outro – pessoa ou coisa – qualidades, desejos ou sentimentos que ele desconhece ou recusa que ele possa ter (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994).

No âmbito da biblioterapia, pode ocorrer a introjeção quando o leitor absorve características dos personagens, isto é, toma qualidades e processos mentais de outros para si. É comum que o leitor faça isso com personagens que possuam alguma semelhança com sua vida real. Já a projeção pode ocorrer quando o leitor transfere aos personagens ideias, desejos, sentimentos e qualidades que, na

verdade fazem parte de sua dinâmica psíquica, contudo ele desconhece ou recusa que possam existir nele (PEREIRA, 2016). Este processo se manifesta especialmente quando, durante ou após a leitura, o leitor discerne o personagem do seu caso, isto é, ainda que passem pela mesma situação e que o personagem tenha os mesmos defeitos e desejos que ele; o leitor faz questão de negar e, às vezes, ainda impõe seu ponto de vista moral e cheio de valores. É importante ressaltar que todo este processo é inconsciente, ou seja, o leitor realmente não percebe que ele possui tais características.

3.2.5 Introspecção

Por fim, a introspecção, segundo Caldin (2001 apud MICHAELIS, 1998, p. 699) consiste na “observação, por uma determinada pessoa, de seus próprios processos mentais”. No âmbito da biblioterapia, por meio da leitura, o indivíduo realiza uma observação interna, e pratica o autoconhecimento, sendo levado a refletir sobre seus sentimentos, bem como aspectos que ele pode melhorar em si mesmo. Tal processo configura-se como terapêutico, pois esta reflexão pode favorecer mudanças comportamentais (PEREIRA, 2016).

3.3 APLICAÇÃO DA BIBLIOTERAPIA

A biblioterapia pode ser utilizada em diversos locais e pode ser aplicada não só por bibliotecários, mas envolve uma equipe multiprofissional. Estes fatores normalmente variam de acordo com a forma de intervenção escolhida, as quais podem ser: biblioterapia clínica, biblioterapia institucional e biblioterapia para o desenvolvimento pessoal (MARCINKO, 1989).

A biblioterapia clínica trabalha com pessoas que possuem sérios problemas de comportamento social emocional e moral e é predominantemente utilizada em instituições de saúde, como hospitais e clínicas, devendo ter um médico na equipe. Objetiva, segundo Marcinko (1989), modificar atitudes e comportamentos do paciente, com, ao menos, a melhora do comportamento apresentado.

A biblioterapia institucional, por sua vez, é um auxílio utilizado por uma instituição, por meio de uma equipe de profissionais, para seus usuários, fornecendo literatura personalizada de acordo com a doença específica. Pereira (2016) explica

que consiste em uma literatura – didática – com pacientes, de forma individual. Este material deve ser aplicado pelos profissionais, incluindo o bibliotecário e a equipe médica. O principal objetivo deste tipo de biblioterapia é fornecer informação ao usuário e prestar esclarecimentos sobre um problema específico. Ressalta-se que este tipo de biblioterapia raramente é utilizado nos dias atuais (PEREIRA, 2016).

Por fim, Pereira (2016) afirma que a biblioterapia para o desenvolvimento pessoal é aplicada em indivíduos considerados normais, isto é, sem patologia alguma, deste modo, não é necessário haver um médico na equipe, mas é imprescindível que haja um bibliotecário e, se possível, psicólogos e educadores. Este tipo de biblioterapia consiste em um apoio literário e personalizado para ajudar no desenvolvimento do indivíduo ou para manter sua saúde mental, assim podendo tanto ter caráter corretivo como preventivo. Ressalta-se ainda que a própria interação entre leitor e literatura auxilia o enriquecimento, ajustamento e desenvolvimento da personalidade (LACK, 1985 *apud* PEREIRA, 2016). Geralmente esta forma de intervenção é utilizada em instituições educacionais, bibliotecas públicas ou centros religiosos, e recomenda-se que os grupos das sessões tenham os mesmos interesses e a mesma faixa etária.

Mesmo sendo predominantemente aplicada em hospitais, o campo da biblioterapia se expandiu nos últimos anos e, como ressalta Almeida (2011), a prática já é utilizada em prisões, asilos, instituições educacionais e em organizações de saúde mental.

Seja qual for o âmbito de aplicação, é necessário que haja um estudo do público-alvo, a fim de analisar seu perfil, idade, escolaridade, área de interesse, para que sejam selecionadas leituras adequadas e que permitam que a biblioterapia naquele local seja passível de sucesso.

A literatura mostra que os tipos de pessoas que são mais propícios a passarem pelas técnicas biblioterapêuticas são as pessoas com depressão, ansiedade, os deficientes físicos, os dependentes químicos, os idosos, as pessoas com deficiência visual, crianças e adolescente com problemas, pessoas com câncer ou AIDS, delinquentes juvenis e adultos criminosos (LEITE, 2009).

Ao adentrar-se na vida de pessoas depressivas, por exemplo, a leitura pode ajudar o paciente no processo de socialização e oferecer novos caminhos e atitudes ao leitor (PEREIRA, 2016). Já para as pessoas ansiosas, ler pode ajudar a amenizar

os sintomas. Tanto na depressão quanto na ansiedade é importante selecionar leituras didáticas que abordem a própria doença, como Silva (2009, p. 155 apud BALBINOTTI, 2017) recomenda:

Aprenda tudo sobre os seus medos e os transtornos que eles podem lhe causar. Procure literaturas especializadas, troque experiências com outras pessoas, assista a filmes que retratem o problema. Quanto mais souber sobre o assunto, mais aumentará sua munição contra o 'inimigo'.

Para lidar com portadores de deficiência visual, o biblioterapeuta e sua equipe devem escolher leituras que busquem integrá-los na sociedade, auxiliando sua preparação educacional e profissional. Ao escolher materiais bibliográficos didáticos sobre deficientes visuais, a biblioterapia terá o propósito de fazê-los refletir sobre sua própria vida, ajudando-os a perceber quem são e discutir formas de se sentirem úteis. Mas também é importante escolher leitura de outros temas, pois por meio deles o profissional poderá realizar perguntas para ajudá-los a comparar com sua vivência, por exemplo: “como um cego enfrentaria o problema que determinado personagem enfrentou no livro?”, “qual personagem é mais parecido com você?” entre outros questionamentos (LOBO, 2017).

Já no campo correccional, isto é, com jovens em conflito com a lei e reeducandos, Seitz (2006) esclarece que a leitura bem escolhida pode diminuir a ansiedade, despertar novos interesses, canalizar a agressão para atividades socialmente aceitas e auxiliar na verbalização dos problemas. Ao tratar de pessoas com dependência em drogas ou outras substâncias nocivas, que a leitura oferece informações relativas ao vício que podem ser discutidas grupalmente ou de modo individual, além de facilitar a expressão e comunicação.

Em pacientes que sofrem com câncer ou AIDS, por exemplo, a biblioterapia pode ser útil ao fornecer lazer, além de facilitar o processo de socialização dos pacientes, visto que é comum esta prática ser realizada de forma grupal. A leitura também pode aliviar, mesmo que temporariamente, sintomas de depressão típicos dessas afecções graves. É interessante também que, em algum momento, os textos sejam informativos e que haja ao menos um psicólogo na equipe, pois após a leitura, o terapeuta pode abordar pensamentos disfuncionais, preocupações excessivas e as ideias de culpa, comuns em quem sofre especialmente de AIDS (LEITE, 2009).

Como já citado anteriormente, a biblioterapia é aplicável a todas as idades, assim, além dos exemplos relatos, também é efetiva em idosos e crianças. Para os idosos, a leitura e discussão grupal auxilia na diminuição da ansiedade e no processo de aceitação desta nova fase da vida (PEREIRA, 2016), além disso, eles têm acesso a informações sobre o envelhecimento, desenvolvem gosto pela leitura, o que lhes proporciona momentos de socialização e motivação. Já para as crianças – e até mesmo adolescentes – a prática pode ajudá-los a enfrentar momentos difíceis como mortes em família, separação dos pais, pois a leitura busca estimular o desenvolvimento de novos conhecimentos que podem auxiliá-los em tais problemas (LEITE, 2009).

Para que todo este processo ocorra de forma satisfatória, além de conhecer o perfil do usuário, é de suma importância que a biblioterapia seja conduzida por uma equipe competente e engajada em selecionar o melhor material de acordo com a necessidade dos usuários. Além da escolha adequada da leitura, os profissionais também precisam se adequar aos critérios para a realização da prática, a fim de que flua da melhor maneira e não causem efeitos opostos ao que se pretende. Souza (2002 apud RIBEIRO, 2006) menciona alguns, os quais são: verificar com antecedência o local, horário e acomodações para a leitura, conhecer o público antecipadamente, como já foi apontado, ter o dom de contar história, conhecer a história com segurança, narrar com naturalidade e ter uma boa expressão, evitar levar-se emocionalmente pela narrativa, chegar ao final da história sem apontar a moral ou aplicar lições e estar aberto para comentários após a narração, pois o primordial em uma sessão de biblioterapia são as necessidades dos usuários, então é natural que eles queiram e sejam incentivados a dialogar.

Ainda sobre a equipe profissional, é fundamental que ela atue de modo multiprofissional. Entre os membros incluem-se, dependendo do local de aplicação do procedimento, os assistentes sociais, médicos, enfermeiros, psicólogos, educadores (ALMEIDA, 2011). Contudo, isso não significa que todos os representantes dessas profissões sejam habilitados para a biblioterapia, por esta razão, Pereira (2016) destaca algumas características que devem ser encontradas nos responsáveis pela biblioterapia, como estabilidade emocional, controle dos preconceitos pessoais, canalizar sentimentos pessoais, assumir responsabilidade pela seleção do material de leitura e ser receptivo à nova aprendizagem, ter empatia

e sensibilidade, ter competência comunicativa com diversos tipos de pessoas e ser dinâmico.

Caldin (2010), ao abordar as características dos aplicadores de biblioterapia, afirma que este momento não se limita apenas a leitura dos textos, mas a discussão sobre ele e, principalmente, a interpretação de cada usuário. Assim, ela explica que, ao aplicador não basta apenas ter o dom da leitura e ser expressivo, é fundamental que priorize “ouvir o novo texto que foi criado por cada um dos envolvidos na sessão de leitura” (CALDIN, 2010, p. 15).

3.4 A FUNÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

É compreensível que nem todos os profissionais tenham a escuta ativa mencionada no item anterior, por ser uma característica mais comumente esperada de um psicólogo do que de um bibliotecário, por exemplo. Por isso, alguns autores questionam acerca da capacidade de outros profissionais aplicarem a biblioterapia. Hasse (2004) é exemplo disso e afirma que o bibliotecário é inapto para a prática desta atividade, pois o curso de Biblioteconomia não oferece esta capacitação. Já Caldin (2010) afirma que o bibliotecário precisa ter um perfil social além de uma estrutura emocional e moral estável, contudo, ainda assim, ele não estará apto a ser biblioterapeuta, mas aplicador de biblioterapia. Seguindo o pensamento de Caldin, Ferreira (2003) acredita que o bibliotecário ou aplicador de biblioterapia pode ser considerado biblioterapeuta apenas se ele também for psicólogo com formação específica. Por sua vez, Pereira (1996) tem uma visão diferente e já defende o bibliotecário como biblioterapeuta, porém há a precisão de atuar em conjunto com outros profissionais.

Dentro da equipe multiprofissional, uma das funções primordiais que cabem ao profissional da Biblioteconomia, é a seleção do material utilizado, bem como sua aquisição, manutenção e distribuição (GUEDES; BAPTISTA, 2013). Este papel é de suma importância, pois caso a seleção não esteja de acordo com a necessidade do leitor e não possa auxiliá-lo na resolução ou entendimento de seus conflitos, a biblioterapia torna-se sinônimo de leitura ou hora do conto, sem um objetivo terapêutico. Seitz (2000, p. 23) corrobora que o processo de seleção deva ser feito cuidadosamente e afirma que o bibliotecário deve encontrar “no livro a contribuição

para amenizar muitos problemas, como, por exemplo, a depressão dos idosos, a solidão das pessoas hospitalizadas” para, enfim, perceber o quão gratificante é fornecer o livro que auxilia na sobrevivência e na luta do paciente.

Além de todo o processo de seleção, o bibliotecário também deve ter consciência de que tem o papel de mediador da informação para aquelas pessoas que possuem alguma dificuldade física ou emocional e, por isso, sua função é tão importante quanto a dos demais profissionais da equipe, pois é por meio da informação adequada às necessidades do usuário que o processo de biblioterapia tem início. Sobre isto, Guedes e Baptista (2013) afirmam que a característica mediadora é fundamental para que os objetivos do processo sejam alcançados.

Outros cuidados que o bibliotecário deve ter antes e durante o processo biblioterapêutico diz respeito a: escolher um local adequado para as reuniões; formar grupos homogêneos para a leitura e discussão de temas; preparar listas de material bibliográfico concernentes às necessidades de cada grupo; utilizar, de preferência, materiais com os quais esteja familiarizado; selecionar materiais de acordo com a idade cronológica e emocional da pessoa e ter tido um treinamento adequado e capacidade para as reuniões em grupo (MARCINKO, 1989).

É visível que a biblioterapia exige bibliotecários que tenham uma inclinação e atuação mais educacional, psicológica ou médica, contudo, além de características que podem já ser inatas ao profissional, o treinamento mostra-se essencial, seja por meio de especializações, minicursos, oficinas e palestras. Segundo Pereira (1996), a biblioterapia passou a ser considerada como um ramo da biblioteconomia em 1904, contudo, há dois agravantes precisam ser considerados para que a prática como um todo obtenha sucesso: a formação do bibliotecário em outro campo científico afim, como Psicologia, e sua boa interação com o restante da equipe.

Diante dessas colocações, não se pode afirmar que a função do bibliotecário na biblioterapia seja apenas o de selecionar materiais, pois, além de necessitar estar inteirado sobre a temática, deve conhecer bem seus usuários e, então, formular hipóteses e conduzir as discussões em grupo. Dentro deste processo, ele deve ser capaz de realizar atividades lúdicas e leitura, dependendo do público e da finalidade da biblioterapia. Se esta for, por exemplo, a biblioterapia de desenvolvimento pessoal, o bibliotecário terá o papel de educador, através de discussões orientadas e leitura dirigida (FERREIRA, 2003).

Percebe-se, então, que a biblioterapia é um campo vasto para o bibliotecário, oferecendo inúmeros locais de atuação. O próximo capítulo abordará diversos projetos realizados com o mais distinto público e em variados locais, nos quais a presença deste profissional mostrou-se imprescindível.

4 BIBLIOTERAPIA NO BRASIL: RESULTADOS ALCANÇADOS

Ainda que seja uma técnica em crescimento, que esteja, aos poucos, buscando sua valorização e reconhecimento em diversos cantos do país, podem-se citar exemplos de projetos de biblioterapia que foram realizados em todas as regiões brasileiras.

Após pesquisa bibliográfica, foram encontrados, como dito na metodologia, vinte estudos acadêmicos sobre projetos de biblioterapia espalhados pelo país, sendo um da Região Norte, dois da Região Sudeste, quatro da Região Centro-Oeste, cinco da Região Nordeste e oito da Região Sul. Segue abaixo quadro que sintetiza os resultados encontrados:

QUADRO 2 – Estudos acadêmicos sobre projetos de biblioterapia espalhados pelo Brasil

Região	Título	Autor	Base de dados	Tipo de material
Norte	A biblioterapia como proposta de um programa para portadores de deficiência visual na seção Braille da biblioteca Arthur Vianna	Lobo (2017)	Repositório Institucional – UFPA	Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
Nordeste	A biblioterapia no contexto do câncer infantil: a leitura engrandece a alma	Balbino (2014)	Repositório Institucional – UFPB	TCC
Nordeste	Biblioterapia com crianças com câncer	Bernardino, Elliot, Rolim Neto (2012)	Revista Informação & Informação v.17 n.3	Artigo
Nordeste	Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa	Castro, Pinheiro (2005)	Revista Biblionline v.1, n.2	Artigo
Nordeste	Biblioterapia para o idoso Projeto Renascer: um relato de experiência	Pinheiro (1998)	Brapci	Artigo
Nordeste	Incentivar para humanizar: mediação de leitura no Hospital das Clínicas da UFPE	Cortez, Calazans, Vidal (2011)	Docplayer	Trabalho científico de comunicação oral
Centro-Oeste	Biblioteca solidária: inserção da biblioteca no ambiente hospitalar	Abreu (2014)	Repositório Institucional - UFG	TCC
Centro-Oeste	A importância da biblioteca e da biblioterapia na formação dos internos do Orfanato Lar Rita de Cássia	Guedes, Ferreira (2008)	Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília	TCC
Centro-Oeste	A biblioteca e a biblioterapia no tratamento dos pacientes da Associação Brasileira de Assistência às Pessoas com Câncer (ABRAPEC)	Pires, Silva (2009)	Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da	TCC

			Universidade de Brasília	
Centro-Oeste	A importância da biblioterapia com crianças internadas em hospitais	Noronha (2013)	Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília	TCC
Sudeste	Biblioteca Viva em Hospitais: a importância da leitura como estratégia de humanização, a experiência do Instituto Fernandes Figueira.	Carvalho (2018)	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação v. 14, n.2	Artigo
Sudeste	Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos	Ribeiro (2006)	Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação v. 4, n.1	Artigo
Sul	Biblioterapia aplicada com crianças da pré-escola do Centro de Educação Nossa Senhora da Boa Viagem	Silva (2005)	Repositório institucional - UFSC	TCC
Sul	Aplicação da biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz	Lima, Caldin (2013)	Revista ACB v.18, n.1	Artigo
Sul	O uso da biblioterapia em sala de aula	Goularte (2008)	Repositório institucional - UDESC	TCC
Sul	Leitura & Terapia: biblioterapia para os enfermos do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS	Ely (2011)	Repositório Institucional – UFRGS	TCC
Sul	Aplicação da biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE)	Rossi, Rossi, Souza (2006)	Revista ACB v.12. n.2	Artigo
Sul	Biblioterapia na melhor idade	Jerônimo et al (2012)	Revista ACB v.17, n.2	Artigo
Sul	Aplicação da biblioterapia em crianças enfermas	Bueno, Caldin (2002)	Docplayer	Artigo
Sul	Biblioterapia para pacientes adultos internados em uma unidade hospitalar: uma proposta de humanização	Benedetti (2008)	Repositório Institucional – Fiocruz	Projeto de pesquisa

FONTE: Elaborado pela autora (2019)

Tais estudos acadêmicos ilustram a teoria exposta no capítulo anterior a qual confirma os diversos lugares, enumerados por Marcinko (1989) e Almeida (2011), nos quais a biblioterapia pode ser aplicada, como em hospitais, asilos e escolas e também expõem os variados públicos, ressaltados por Leite (2009), que podem participar e obter significativa melhora com o processo biblioterapêutico, como idosos, crianças e pacientes com câncer.

4.1 REGIÃO NORTE

Após pesquisa, somente um projeto de biblioterapia foi encontrado nesta região, precisamente em Belém (PA), sendo relatado por Lobo (2017) sob o título de “A biblioterapia como proposta de um programa para portadores de deficiência visual na seção Braille da biblioteca pública Arthur Vianna”.

A biblioteca citada não contava com a prática da biblioterapia, proposta esta que foi trazida por Lobo (2017) após extensa pesquisa, inclusive com entrevistas com bibliotecários e usuários. Como justificativa, a autora afirma que muitas bibliotecas públicas “desconhecem a proposta da biblioterapia que surge com o intuito de contribuir para o ajustamento psicossocial do cego, tornando-o um elemento participante e útil à comunidade” (LOBO, 2017, p. 11).

A pesquisadora acredita que, com a implantação da biblioterapia na seção Braille da biblioteca, os deficientes visuais terão mais subsídios para a resolução de seus problemas e necessidades, já que esta parcela da sociedade é vista como totalmente dependente e deve passar a ser enxergada como pessoas de grande potencial e enormes possibilidades para serem ativos na sociedade.

A proposta, então, funcionaria da seguinte forma: em um primeiro momento, haveria uma seleção, por parte do bibliotecário, de materiais bibliográficos, incluindo os materiais didáticos e sobre a deficiência visual, de modo que a leitura torne-se uma forma terapêutica e que os usuários possam saber quem são e invistam em formas de se sentirem úteis na sociedade. Em outra etapa, haveria a implantação de programas de leituras com os deficientes analfabetos, seja por sessões de leitura em grupos ou individual. Em ambas as etapas, é importante também que haja material bibliográfico de temas diversos, pois o biblioterapeuta poderá se utilizar deles para realizar comparações e encaminhar perguntas aos usuários, como por exemplo, “se os personagens fossem cegos como resolveriam seus problemas?”, “qual personagem é mais parecido com você?” (LOBO, 2017).

Como os deficientes visuais ainda são alvo de muita discriminação e normalmente se sentem excluídos ou incapacitados de realizar diversas atividades, a autora trouxe esta proposta com o objetivo de ajudá-los na sua integração como indivíduos úteis à comunidade. Além disso, auxiliaria em mudanças de

comportamentos, superação de medos e poderia mudar a forma como enxergam a realidade.

4.2 REGIÃO NORDESTE

Na região Nordeste foram encontrados cinco estudos acadêmicos de projetos de biblioterapia, inclusive todos devidamente aplicados com os mais diversos públicos. Dentre elas, duas foram aplicadas em idosos, duas em crianças com câncer e uma com enfermos de forma geral.

Balbino (2014), em sua monografia “A biblioterapia no contexto do câncer infantil: a leitura engrandece a alma”, comprovou, por meio de entrevistas com os acompanhantes das crianças que tratavam de câncer no hospital Napoleão Laureano, em João Pessoa, o quanto a biblioterapia pode ser benéfica.

O projeto Bem-te-vi, vinculado à Universidade Federal da Paraíba, ofereceu a prática da biblioterapia por oito meses a crianças portadoras de câncer. Neste período foram aplicadas atividades como contação de histórias, pinturas, musicoterapia, roda de leitura, de forma que trouxessem lazer, distração e bem-estar às crianças. Este projeto de extensão contou com a participação de professores e alunos do curso de Biblioteconomia da UFPB e teve como objetivo contribuir com o ajustamento biopsicossocial de crianças vítimas de câncer, ao tentar minimizar os sentimentos de angústia e fragilidade, tanto física quanto emocional, decorrentes da internação e da doença em si (BALBINO, 2014).

A fim de comprovar se esses objetivos foram alcançados, o autor entrevistou 10 sujeitos, pais ou responsáveis pela criança hospitalizada, e em uma das questões eles deveriam dizer se as atividades de biblioterapia contribuíram para melhorar o quadro biopsicossocial da criança que acompanhavam. Todos os sujeitos deram a resposta afirmativa e algumas das justificativas foram que o projeto incentivou a criança a gostar de ler histórias infantis e até mesmo recontar para outras pessoas, outros afirmaram que o humor do filho melhorou bastante devido às pinturas e histórias contadas, outros disseram que o filho estava socializando mais e estava menos entediado, há também aqueles que perceberam que a criança estava menos estressada e com a autoestima mais elevada (BALBINO, 2014).

Projeto parecido foi realizado no Ceará e relatado por Bernardino, Elliott e Rolim Neto (2012) em seu artigo “Biblioterapia com crianças com câncer”. Tal projeto ocorreu em 2010 e foi coordenado pela professora Ariluci Goes Elliott, recebendo colaboração dos professores Maria Cleide Rodrigues Bernardino e Modesto Leite Rolim Neto, todos do curso de biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará.

A biblioterapia foi aplicada no Hospital Municipal Infantil Maria Amélia Bezerra de Menezes, localizado em Juazeiro do Norte (CE) e dentre as atividades oferecidas estavam a leitura dirigida de textos literários, contação de histórias, utilização de livros infanto-juvenis e instrumentos lúdicos para desenhos (giz de cera, lápis de cor e papéis). Cita-se como exemplo do que foi feito a leitura do conto “O caso do bolinho”, de Tatiana Belinsky, após a leitura foi pedido para que as crianças fizessem desenhos da história da forma que elas quisessem, levando-as a se expressarem sobre o que ouviram (BERNARDINO; ELLIOTT; ROLIM NETO, 2012).

Os autores constataram que o projeto ajudou as crianças a superarem o medo, a tristeza e a retirarem o foco da doença, proporcionando, inclusive, melhor aceitação do tratamento proposto.

Já quanto aos idosos, dois projetos interessantes realizados nesta região merecem ser mencionados. O primeiro foi descrito por Castro e Pinheiro (2005) no artigo “Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa”, já o segundo foi relatado por Pinheiro (1998) em seu artigo “Biblioterapia para o idoso Projeto Renascer: um relato de experiência”.

O primeiro projeto foi aplicado no abrigo de idosos AMEM (Associação Metropolitana de Erradicação de Mendicância), localizado próximo à cidade de Cabelo (PB). À época da pesquisa, em janeiro de 2004, havia 47 idosos no abrigo, contudo como alguns não possuíam condições físicas ou neurológicas para participar das atividades, foi possível trabalhar apenas com oito idosos.

Nos encontros semanais, houve atividades lúdicas de leitura, como leitura livre de contos clássicos, de literatura infanto-juvenil e de revistas semanais. O objetivo deste projeto era recreacional, ocupacional e integrativo. Esperava-se que, com a biblioterapia, o idoso pudesse esquecer as limitações presentes nesta fase da vida e que acreditasse que era possível o envelhecimento feliz. Castro e Pinheiro (2005) afirmam que ao final de cada sessão percebia-se alegria e vontade de viver no semblante do idoso, já que cada história contada ensinava que para tudo havia

um sentido e que os heróis e heroínas aprendiam a superar obstáculos. Assim, a leitura representou uma forma de resgatar a história daquelas pessoas que são esquecidas por muitos e para mostrar a eles que ainda é tempo de viver, de socializar, de conhecer e de obter novas experiências. Esses fatos são comprovados por meio das entrevistas que se fizeram com os idosos após a biblioterapia, nas quais alguns afirmam que a leitura é uma fuga do mundo, que se sentem bem quando estão lendo. Após os relatos e as sessões, Castro e Pinheiro (2005) concluíram que a biblioterapia permitiu aos idosos do AMEM um momento a mais de socialização, integração, troca de experiências e aquisição de novos conhecimentos e informações, trazendo, assim, mais estímulo à vida deles.

Por sua vez, o projeto relatado por Pinheiro (1998) foi aplicado no Lar Torres de Melo, em Fortaleza (CE), sendo extensão do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará e denominado Projeto Renascer.

O objetivo principal do Renascer, segundo Pinheiro (1998, p. 3), foi incentivar os idosos a “participarem voluntariamente e ativamente do processo de estímulo ao gosto pela leitura, fazendo com que eles se sintam úteis dentro da comunidade”. Dentre as atividades do projeto podem-se citar as sessões de leitura grupais e individuais, com a finalidade de incentivar o gosto pela leitura e ocupar o tempo ocioso dos idosos e as sessões lúdicas, com contação de histórias, origami, desejos, colagem e pintura.

No desenrolar das atividades, Pinheiro (1998) observou uma melhora gradual no comportamento dos idosos, visto que a biblioterapia foi essencial para manter uma relação harmônica entre eles, possibilitar uma visão de mundo mais otimista, reforçar valores, minimizar o estresse e o grau de depressão e ansiedade, além de dissipar o isolamento típico da velhice.

Já no estado do Pernambuco, Cortez, Calazans e Vidal (2011) relataram a biblioterapia aplicada, através do projeto MAIS, no Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Pernambuco, em 2010.

O Projeto MAIS (Manifestações de Arte Integradas à Saúde) conta com o apoio dos cursos de música, letras, biblioteconomia e artes cênicas, contudo o que será descrito a seguir é uma ramificação deste projeto, denominado Projeto Mediação de Leitura, pelo qual os alunos de biblioteconomia foram responsáveis junto a um professor orientador da UFPE (CORTEZ; CALAZANS; VIDAL, 2011).

Os objetivos deste projeto, segundo os autores, consistiam em humanizar o atendimento aos pacientes, buscando melhorar suas condições enquanto estavam internados no hospital, incentivar o gosto pela leitura, cuidar do bem estar biológico, psíquico e social dos usuários, reduzir os níveis de estresse no hospital, utilizar a leitura como auxiliar no tratamento de doenças e promoção de saúde e reduzir os níveis de ansiedade na sala de espera. Ressalta-se que o público atendido não se restringia apenas aos pacientes, mas englobava acompanhantes, profissionais de saúde e alunos.

Visando as vantagens que a biblioterapia pode trazer aos enfermos, os alunos do projeto não apenas liam histórias pacientes, mas também realizavam encenações e apresentações em parceria com os departamentos de música e arte, por exemplo.

Os organizadores afirmam que o projeto, com duração de dois anos, tinha como principal intenção divulgar o acervo localizado em determinado espaço do Hospital das Clínicas, porém como alguns pacientes não podiam se locomover, outros estavam fracos demais para isso, o grupo acreditou que a melhor opção fosse levar a leitura até eles, sendo possível aplicar a biblioterapia (CORTEZ; CALAZANS; VIDAL, 2011).

Quando o artigo foi escrito, o projeto ainda estava em andamento e mesmo assim já era possível perceber melhoras no nível de estresse e ansiedade das pessoas que estavam no hospital. Uma enfermeira relatou que antes do projeto as crianças ficavam tensas quando ela entrava nos quartos e após a mediação da leitura percebe que elas estão mais leves e interagem melhor. Já um paciente relatou que sua estadia no hospital ficou menos chata e cansativa.

4.3 REGIÃO CENTRO-OESTE

Da região Centro-Oeste serão expostos quatro exemplos de biblioterapia, sendo três deles direcionados a pessoas enfermas e o outro consiste em um projeto de inserção da prática em um orfanato.

Em Goiânia, Abreu (2014) abordou a biblioterapia presente no projeto Biblioteca Solidária, de responsabilidade do Sesc Universitário, em seu trabalho de conclusão de curso intitulado “Biblioteca solidária: inserção da biblioteca no ambiente hospitalar”. Este projeto durou alguns anos e atendia, de março a junho e

de agosto a novembro, três hospitais da rede pública da cidade: Hospital Araújo Jorge, Hospital Materno Infantil e Hospital das Clínicas.

Os objetivos da Biblioteca Solidária eram, de acordo com Abreu (2014), contribuir para a redução do estresse e dos sentimentos de angústia e tristeza que são comuns aos pacientes e acompanhantes, proporcionar descontração e alegria, contribuir para a melhora do quadro clínico dos pacientes, além de promover a socialização da leitura, por meio da doação de livros e gibis aos internos.

A fim de alcançar esses objetivos, o projeto contava não só com contadores de histórias, mas com palhaços e músicos, que, juntos levavam descontração e conforto aos pacientes internados e aos seus acompanhantes.

Abreu (2014) concluiu que as atividades surtiram o efeito desejado e que a biblioterapia proporcionou momentos de conforto, serenidade e bem-estar mental aos seus usuários, o que foi comprovado com cartas dos hospitais enviadas ao Sesc, nas quais os respectivos responsáveis descrevem as mudanças sentidas no ambiente e agradece aos idealizadores do projeto por tamanha contribuição.

Por sua vez, Guedes e Ferreira (2008) idealizaram a implantação de uma biblioteca que possuía práticas biblioterapêuticas no Orfanato Lar Rita de Cássia, localizado em Valparaíso de Goiás. Na ocasião, as autoras sugeriram que se trabalhasse com a biblioterapia desenvolvimental, que visa mudança de comportamento e autoconhecimento, e a utilização de literatura de ficção e didática. Outro cuidado a ser tomado é não misturar crianças com adolescentes, visto que com o primeiro grupo trabalha-se a autoconfiança e no segundo busca-se o senso de identidade.

As autoras também justificaram a inserção da biblioterapia com o argumento de que as crianças do orfanato, como possuem fortes sentimentos de abandono, precisam de um ambiente para aliviar suas tensões e a sessão de leitura e as atividades auxiliares, complementadas por outros profissionais, podem inseri-las em momentos de fantasia e aventura.

Guedes e Ferreira (2008) acreditam que a biblioterapia no orfanato alcançaria os objetivos de despertar nos internos o gosto pela leitura, estimular a socialização e permitir momentos de descontração.

Pires e Silva (2009) estudaram a possibilidade de criar um projeto de biblioterapia, bem como reestruturar a biblioteca, na Associação Brasileira de

Assistência às Pessoas com Câncer (ABRAPEC), localizada em Taguatinga-DF. Esta associação, sem fins lucrativos, acolhe pessoas que não possuem condições financeiras de arcar com as despesas relacionadas ao tratamento de câncer. O objetivo é que as atividades de biblioterapia sejam desenvolvidas com os psicólogos da instituição.

Por fim, Noronha (2013) discorreu sobre a importância da biblioterapia para crianças e pais internados na UTI Neonatal, na UTI Pediátrica e na Ala Pediátrica de um hospital, cujo nome não foi especificado na pesquisa. Para defender sua tese, observou durante o primeiro semestre de 2013 uma criança de dois anos e oito meses internada com meningite bacteriana. Durante os quinze dias em que a atividade foi realizada, ressalta-se que nos nove primeiros ela estava internada na UTI Pediátrica e logo passou para a Ala Pediátrica.

Com a prática da biblioterapia, por meio da leitura de histórias infantis, percebeu-se o alívio das tensões sofridas pela criança e familiares. Além disso, a autora notou a diminuição do estresse e nervosismo no ambiente.

4.4 REGIÃO SUDESTE

O Programa Biblioteca Viva em Hospitais é marcante na região Sudeste do Brasil e surgiu a partir do trabalho de instituições de saúde que tinham o objetivo de levar a crianças e adolescentes a vitalidade e o desenvolvimento da saúde psíquica, além de aumentar a aceitabilidade desses pacientes ao tratamento e à internação hospitalar (CARVALHO, 2018).

O projeto Biblioteca Viva foi introduzido em diversos hospitais, mas Carvalho (2018) escolheu o Instituto Fernandes Figueira, no Rio de Janeiro, para compor seu estudo, por ser um dos primeiros hospitais a implantar o projeto. Este possui mais de seis mil livros e que alguns deles ficam agrupados no ambulatório de Pediatria, onde as crianças vão consultar e outros são levados pelos voluntários, devidamente treinados, às crianças internadas nas enfermarias.

Assim como nos estudos anteriores, aqui os principais objetivos com esta prática de mediação de leitura são aliviar tensões, acarretar mudanças favoráveis no quadro psicológico das crianças, facilitar sua integração com as pessoas do hospital, facilitar a comunicação, entre outros (CARVALHO, 2018).

A autora afirma que o projeto trouxe mudanças satisfatórias, como o alívio de tensões e redução do estresse, e justifica com trechos de falas de funcionários do hospital, pais e voluntários. Uma nutricionista, por exemplo, afirmou que quando as crianças ouvem as histórias, elas passam a sorrir; uma voluntária afirmou que recebeu elogios de mães ao projeto pois elas perceberam que seus filhos tornaram-se mais alegres e menos incomodados com o ambiente hospitalar; outra voluntária contou que uma criança disse que com as histórias nem se lembrava que estava em um hospital e, por fim, uma pediatra afirmou que no momento em que as crianças ouvem as histórias há melhoras não só psicológicas, como biológicas, já que a frequência cardíaca torna-se mais baixa e o padrão respiratório das crianças submetidas a ventilação mecânica fica melhor (CARVALHO, 2018).

Por sua vez, Ribeiro (2006) elabora uma proposta de implantação de biblioterapia para adolescentes nas enfermarias de hospitais públicos da Rede Municipal de Saúde do Rio de Janeiro.

A autora afirma que o adolescente sente necessidade de ser livre e ele convive exatamente com o oposto quando está internado em um hospital, afastando-se inclusive de seu grupo de amigos, o que pode acarretar em revolta e agressividade. Ao querer implantar a biblioterapia para adolescentes, Ribeiro (2006) busca como objetivo conter essas reações e acredita que a prática pode aliviar tais sentimentos, ajudá-los a superar o medo, diminuir a tristeza e ansiedade e até colaborar no tratamento do paciente.

Esta autora também julga de extrema importância a capacitação adequada dos profissionais que irão lidar com os adolescentes e que antes de selecionar o acervo sejam estudados o perfil dos pacientes inseridos na Unidade de Saúde.

Ribeiro (2006) espera que, após a implantação da biblioterapia, os resultados sejam benéficos e que o estresse do adolescente seja reduzido, que ele tenha novamente o prazer de viver e a capacidade de se locomover, mesmo que seja por meio da fantasia.

4.5 REGIÃO SUL

De acordo com as pesquisas nas diversas bases de dados, observa-se que a região Sul conta com o maior número de estudos acadêmicos de projetos em

biblioterapia. Nas duas semanas de pesquisa foram encontrados oito projetos aplicados nesta região, com os mais diversos públicos, como crianças na pré-escola, crianças na escola, crianças enfermas, adultos e idosos.

Silva (2005) foi responsável por relatar e participar do projeto de biblioterapia no Centro de Educação Nossa Senhora da Boa Viagem, uma creche pública em Florianópolis. As atividades contaram com 13 encontros que foram desenvolvidas duas vezes por semana com o mesmo grupo de 20 crianças do maternal III. A equipe foi composta de duas professoras de biblioteconomia, uma pedagoga e uma formanda de biblioteconomia.

Ao longo dos encontros, houve contação de histórias e posterior questionamento sobre como as crianças agiriam em diversas situações dos contos. Além disso, houve momentos em que as crianças receberam folhas de papel em branco e tiveram a oportunidade de desenhar suas próprias histórias.

Ao final das atividades, Silva (2005) percebeu que as crianças desenvolveram fortes laços de afeto com a equipe, pois estavam mais falantes e carinhosas. Esses laços se estenderam às outras crianças, pois elas pareciam mais unidas. A pesquisadora também notou que elas estavam mais à vontade para exteriorizar seus anseios, inquietações e sentimentos, bem como deixar fluir sua criatividade. Outras crianças que se mostraram tímidas nos primeiros encontros, apresentaram nítida mudança de comportamento ao final, entrosando melhor com o grupo. Algo a ser destacado também é que as crianças começaram a prestar mais atenção nos seus colegas e houve grande melhora da socialização do grupo e da aprendizagem de cada uma delas. Por fim, Silva (2005) ressalta que o principal objetivo alcançado neste trabalho foi despertar nas crianças o interesse pelo livro e pela leitura.

Ainda trabalhando com crianças, porém em fase escolar, Lima e Caldin (2013) relatam a experiência com alunos do primeiro ano da Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz, localizada em Florianópolis (SC). No total foram 10 encontros, entre março e maio de 2012, e em todos houve contação de história, diálogos e questionamentos sobre o que foi lido e alguma atividade lúdica.

A prática biblioterapêutica alcançou os objetivos pretendidos pelas autoras, pois foi percebido que cada encontro era prazeroso para elas e que ao final, as mudanças foram nítidas: até as mais tímidas se soltaram, demonstraram afeto pela narradora e pelos colegas e aprenderam a socializar. Além disso, notou-se que as

crianças ficaram mais à vontade para falar de seus problemas e partilhar de suas alegrias em sala de aula. Como na experiência anterior, o grande objetivo era fazer com que elas se envolvessem desde cedo com a literatura e pode-se afirmar que foi alcançado com sucesso.

Experiência semelhante foi relatada por Goularte (2008) na Escola de Educação Básica Professor Benonívio João Martins, localizada em Palhoça (SC). A biblioterapia foi aplicada também em crianças do primeiro ano do ensino fundamental, de agosto a outubro de 2008, e foram utilizadas atividades como contação de histórias, narração, atividades que trabalhassem com a criatividade das crianças e buscou-se ao máximo inserir temas voltados ao cotidiano dos alunos, de modo que a experiência biblioterapêutica pudesse contribuir para o seu desenvolvimento social.

Ao final, Goularte (2008) indagou se a professora havia percebido mudanças nos alunos após as sessões de biblioterapia e as respostas foram bem positivas, visto que os alunos estavam mais participativos para realizar as atividades em sala, a disciplina havia melhorado e o espírito de pertencimento a um grupo havia sido desenvolvido.

Quanto à biblioterapia para adolescentes, Ely (2011) nos apresenta o projeto Cor@gem, com atuação no Hospital das Clínicas de Porto Alegre. Este projeto tem como sujeitos adolescentes internados com fibrose cística, uma doença crônica que não possui cura e traz como membros da equipe os professores de biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e um médico.

Os principais objetivos do grupo são propiciar a interação entre os adolescentes e a inclusão social e digital por meio de leitura e escrita, além de proporcionar a interação entre os sujeitos a fim de minimizar o isolamento do quarto hospitalar (Ely, 2011).

O projeto Cor@gem atua há mais de 10 anos no HCPA, contudo o autor escolheu apenas três adolescentes do grupo para realizar algumas atividades biblioterapêuticas personalizadas. Em um primeiro momento, realizou-se uma entrevista para conhecer os gostos e preferências para elaborar a atividade ideal a cada um deles, que incluía a prática da leitura em atividades como ver filmes, jogar e nos próprios livros. Ao final das atividades, Ely (2011) percebeu mudanças positivas

em todos os sujeitos, como a diminuição da timidez e maior receptividade a leitura, maior receptividade e comunicação, maior socialização e alegria.

Em relação aos idosos, Rossi, Rossi e Souza (2006) aplicaram a biblioterapia ao grupo pertencente à Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE), localizada em Florianópolis (SC). Este projeto teve como objetivo a integração dos membros, o alívio de tensões, o aumento da autoestima e a diminuição do estresse.

Além das graduandas em biblioteconomia, a equipe contou com uma assistente social, uma enfermeira e as demais funcionárias da instituição. Estas trabalharam em prol de cumprir com os objetivos propostos: selecionaram um texto a ser encenado, confeccionaram cenários, escolheram as músicas e as demais atividades que seriam executadas. Após a execução da peça, segundo as autoras, houve uma conversa essencial nas quais as idosas do grupo contaram suas histórias de vida e como se sentem em relação à vivência na instituição. Assim, as autoras constataram que este dia cumpriu com todos os objetivos propostos.

Por fim, Jerônimo et al. (2012) também aplicaram a biblioterapia em um grupo de idosos, contudo o local escolhido foi um edifício residencial localizado em São José (SC).

Tentando buscar os mesmos objetivos do projeto anterior, esta atividade resumiu-se em contação de histórias, dramatização de crônicas e realização de dinâmicas que pudessem resgatar o convívio entre os vizinhos, especialmente os idosos, que tendem a se sentir mais solitários. Jerônimo et al. (2012) afirmam que apenas onze idosas participaram das atividades, apesar de o convite ter se estendido a todos os moradores idosos do edifício e todas elas aceitaram muito bem as atividades. As principais mudanças comportamentais consistiram em quebra das barreiras iniciais de inibição, criação de vínculos de amizade e o resgate da autoestima.

No Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina, Bueno e Caldin (2002) desenvolveram atividades de biblioterapia na ala pediátrica, com crianças enfermas de idades variadas. Ao todo foram realizadas cinco sessões em cinco dias diferentes e em todas elas a metodologia utilizada foi leitura, contação de história e dramatização. Além disso, em alguns encontros as crianças puderam fazer colagens e pinturas. Todas essas atividades tiveram como objetivo desenvolver o espírito criativo, a introspecção e a catarse. Felizmente, as crianças mostraram-se

bem receptivas a todas as atividades propostas e, ao longo do processo, outros profissionais notaram mudanças culturais neste público, como o maior hábito para a leitura.

Por fim, Benedetti (2008) propôs um projeto de biblioterapia a ser desenvolvido no Serviço de Oncologia e Hematologia do Hospital Nossa Senhora da Conceição, em Porto Alegre – RS. O objetivo do projeto seria oferecer livros e revistas para pacientes que demonstrarem interesse em participar da atividade. Como cada paciente possui características distintas de outros, o material seria oferecido de acordo com suas peculiaridades e poderiam variar entre livros de poesia, romance, contos, crônicas, ou até mesmo revistas com assuntos atuais ou científicos. Após a leitura individual, seria proposto um momento em que os pacientes poderiam comentar suas leituras com os colegas de quarto ou com a pesquisadora. Este momento de interpretação, segundo Benedetti (2008), proporcionaria uma espécie de terapia, na qual seria possível trabalhar o lado emocional do paciente, lidar com suas ideias e reflexões.

4.6 ANÁLISE GERAL DOS ESTUDOS ACADÊMICOS DE PROJETOS DE BIBLIOTERAPIA

Após exposição de todos os estudos acadêmicos de projetos de biblioterapia encontrados ao longo de duas semanas, percebe-se que a maioria teve a iniciativa de um profissional da Biblioteconomia, seja professor, bibliotecário ou estagiário. Contudo, estes profissionais, na maioria das vezes, contaram com o auxílio de uma equipe multidisciplinar composta por médicos, psicólogos, educadores, enfermeiros, dependendo do lugar onde a biblioterapia fora aplicada. A previsão de uma equipe multidisciplinar na aplicação da biblioterapia é prevista por diversos autores, como Almeida (2011).

Outro fato interessante é que a maioria optou por aplicá-la no contexto hospitalar, especialmente em crianças com câncer, acreditando, assim que esta atividade possa amenizar a tensão e o sofrimento causados não só pela doença mas pelos dias em que são obrigadas a passar em um hospital, sendo que poderiam estar na escola, ou realizando atividades de lazer propícias para esta época.

Sobre os componentes biblioterapêuticos, nota-se, nos projetos, a presença de um ou de todos eles. A catarse (CALDIN, 2010), por exemplo, pode ser vista nos momentos em que crianças e adolescentes enfermos livram-se das tensões e das ansiedades a que estão submetidos diariamente durante e após as atividades biblioterapêuticas. Quando Ribeiro (2006) implanta a biblioterapia para adolescentes em hospitais, ela espera amenizar a revolta e a agressividade típicas de jovens que são tirados do convívio dos amigos e não possuem a liberdade necessária, logo, visa a catarse.

O humor (CALDIN, 2010) também é explorado especialmente no âmbito hospitalar, visto que não é um ambiente propício para este estado de espírito. Ao se preocupar em disponibilizar as atividades preferidas de cada adolescente internado, pode-se dizer que Ely (2011) se atenta para que eles sintam maior alegria na prática daquela atividade, afinal fizeram algo que normalmente fariam em casa, mas a internação devido a fibrose cística impediu que isso ocorresse.

Já a identificação, vista por Caldin (2005) como elemento essencial na biblioterapia, é percebida quando o leitor se identifica com algum personagem e passa a imitá-los ou até mesmo a incorporar alguns de seus traços. Quando Lobo (2017) objetiva perguntar aos deficientes visuais do seu projeto, após a leitura de diversos materiais, quais personagens se pareciam mais com eles ou como os personagens resolveriam seus problemas se fossem cegos, ela tenta buscar a identificação do usuário com a história contada. O mesmo pode ser visto no grupo de idosos em que Castro e Pinheiro (2005) aplicaram a biblioterapia. Em cada sessão elas contavam histórias de personagens que aprendiam a superar obstáculos e encontravam um sentido pra vida, que era exatamente o resultado que elas pretendiam que aqueles idosos alcançassem. A introjeção, como faz parte da identificação, pode ser vista nesse processo, pois os idosos tomaram essas metas vistas nos personagens para si. A projeção também está contida na identificação, mas não foi relatada com detalhes em nenhum dos projetos (CALDIN, 2010).

Por fim, a introspecção (CALDIN, 2010), isto é, quando o indivíduo pratica o autoconhecimento e reflete sobre aspectos que pode melhorar em si mesmo, condiz com o objetivo de todos os projetos, pois não há propósito em realizar a biblioterapia sem que haja melhorias, tanto psíquicas quanto comportamentais. E na descrição de todos os projetos percebe-se que isso ocorreu. Cita-se aqui o exemplo anterior do

grupo de idosos que, após a biblioterapia, perceberam que não era tarde para viver novas experiências e superar as dificuldades e, com isso, deram novos objetivos para sua vida.

5 DIFICULDADES E LIMITAÇÕES DA BIBLIOTERAPIA

Ainda não consolidada no Brasil, a biblioterapia possui algumas limitações e enfrenta certas dificuldades desde a falta de conhecimento do público sobre o que é esta prática até a ausência de treinamento por parte dos profissionais atuantes.

Após extenso levantamento bibliográfico sobre o tema, percebeu-se que uma das grandes limitações da biblioterapia diz respeito ao espaço que ela ocupa nas faculdades de Biblioteconomia. Apesar de a grade curricular do bibliotecário estar cada vez mais afastada da ênfase tecnicista, a mesma não atende a capacitação necessária para que o profissional torne-se um biblioterapeuta (ALMEIDA, 2011).

Machado (2010) acredita que por ser uma atividade formal, a biblioterapia deve ser devidamente amparada nos currículos dos cursos de Biblioteconomia, como uma prática coordenada e orientada por professores. Para que isso ocorra, é necessário que os graduandos passem por disciplinas essenciais para a formação biblioterapeuta, que seriam: psicologia, sociologia, filosofia, literatura, leitura e biblioterapia. A autora mostrou que menos da metade dos currículos dos cursos de graduação em Biblioteconomia oferecem todas essas disciplinas, configurando-se em uma dificuldade para os bibliotecários a preparação para a biblioterapia.

Para suprimir esta limitação, o bibliotecário interessado em atuar na biblioterapia deve preparar-se com cursos ou especializações que são oferecidos fora do contexto da graduação (GUEDES; BAPTISTA, 2013).

Outra dificuldade relativa ao profissional refere-se à equipe multiprofissional. Primeiramente, é extremamente necessário que o bibliotecário atue em conjunto com um psicólogo ou que, ao menos, também tenha esta formação ou possua conhecimentos do terreno da psicoterapia, já que é preciso ter base e experiência para lidar com as reações e as emoções dos usuários (PINTO 2005 apud GUEDES; BAPTISTA, 2013). A segunda dificuldade diz respeito a carência de profissionais na equipe, de modo que apenas algumas pessoas interessadas em realizar o trabalho não é suficiente para lidar com a demanda. Tal dificuldade foi relacionada em diversas fontes que descreviam a aplicação da biblioterapia, como o artigo de Guedes (2013), o qual entrevistou alguns bibliotecários que já aplicaram a biblioterapia, algumas delas em hospitais. Os problemas relatados em relação aos demais profissionais foram a ausência de comprometimento e/ou tempo de

assistentes sociais e psicólogos, um exemplo relatado foi de uma psicóloga que iniciou o trabalho por dois meses, mas depois precisou desfaltar a equipe para fazer mestrado. Já Lima e Caldin (2013) destacam o mesmo tipo de problema na escola onde inseriu a prática, pois tiveram que deixar de realizar algumas atividades, como a dramatização de histórias, devido à falta de mais pessoas para auxiliarem no processo biblioterapêutico. Por fim, em terceiro lugar, o bibliotecário tem que lidar com a resistência de outro profissional, seja médico, enfermeiro ou psicólogo, que tem receio que ele atue numa seara que não pertença a sua. No entanto, Caldin, em entrevista a SOUSA (2018) enfatiza que a preocupação do bibliotecário não é a doença, e sim a expressividade, o momento lúdico e a catarse. Assim, é preciso que cada membro da equipe saiba seu lugar de fala e possa discutir ou explicar para seus colegas a fim de ajudar os beneficiários.

Mesmo que o problema acima seja solucionado, a biblioterapia também pode encontrar dificuldades e limitações vindas do próprio espaço onde se pretende aplicá-la. Em pesquisa realizada por Machado (2010) acerca da percepção de alguns bibliotecários de Goiânia sobre a biblioterapia, mostrou-se que pelo menos metade deles não apoiam esse tipo de serviço na sua unidade de atuação, talvez este receio ocorra pela falta de experiência dos profissionais. Em alguns locais, para que a prática ocorra, ela depende exclusivamente de doação de livros, como o projeto Biblioteca Viva em hospitais. Assim, se não houver mais doações, o projeto não funciona. Também pode ocorrer de os usuários não obterem o máximo de vantagem da biblioterapia por falta de recursos, como ocorreu em uma escola, na qual Silva (2005) relatou que foi impossível comprar alguns outros materiais lúdicos que enriqueceriam o desenvolvimento do trabalho.

Por falar em falta de incentivo, Pereira (2016) menciona o importante Projeto de Lei nº 4186/2012, proposto por Giovani Cheriri, que dispõe sobre o uso da biblioterapia em hospitais públicos conveniados, contratados e cadastrados do Sistema Único de Saúde. Contudo, tal projeto encontra-se arquivado definitivamente desde março de 2019.¹

Outras dificuldades que os profissionais se deparam referem-se ao público, que pode ser bastante divergente, assim cada um tem suas particularidades e, conseqüentemente, suas limitações. Seja qual for o público-alvo, é bastante comum

¹ Informação extraída do site da Câmara dos Deputados (<https://www.camara.leg.br>)

que a biblioterapia não agrade a todos, neste caso o profissional deve saber lidar com o desinteresse, a desmotivação e até mesmo, como afirma Leite (2009), com o fato de o paciente não se sentir à vontade para discutir determinado assunto.

Esses fatos ocorreram em quase todos os projetos aplicados e selecionados para este trabalho. Guedes (2013), em sua entrevista com as bibliotecárias, ouviu relatos de que algumas crianças no hospital estavam inseguras e com medo da atividade proposta, outras não permitiam aproximação. Já na escola em que aplicou a biblioterapia, Silva (2005) relatou que muitas crianças estavam inquietas e outras faltavam algumas sessões, o que impossibilitou uma avaliação precisa do desempenho e crescimento de algumas delas ao longo do processo.

Outro problema em lidar com variados públicos são as limitações físicas que cada um possui, especialmente em hospitais. Como muitos projetos levantados para este trabalho objetivaram lidar com pessoas com câncer ou bastante doentes, os biblioterapeutas devem saber suas limitações: há dias que os pacientes estarão mais debilitados que o normal e não terão condições de participar das atividades. Outros aplicadores relataram a Guedes (2013) a dificuldade em lidar com idosos, devido aos graves problemas de saúde, inclusive mentais. Além disso, é preciso observar o nível de escolaridade de cada um, pois muitas crianças ainda não aprenderam a ler e há idosos que passaram a vida toda sem saber ler. Assim, o prévio estudo de usuários se faz fundamental para que o biblioterapeuta não seja pego de surpresa durante o processo e escolha bem as atividades e os livros que serão proveitosos ao seu público.

O fato de a maioria das pesquisas em biblioterapia serem realizadas em hospitais com pessoas enfermas também é considerada uma limitação da área, visto que há outros tipos de biblioterapia e a prática pode ser realizada com os mais variados grupos de pessoas. Rocha (2014) corrobora com essa afirmativa e completa que as pesquisas são basicamente todas sobre câncer, o que é de suma importância, porém ele ressalta que estudos com outros públicos devam ser conduzidos para demonstrar a eficácia da biblioterapia em estudos com jovens infratores, por exemplo, ou em prevenção de doenças psíquicas, entre outros temas. Além disso, Silva (2014) registra que a biblioterapia muitas vezes é criticada por não ser uma ciência exata. Mas é preciso lembrar aos críticos que, como outras terapias de ajuda, ela tem um suporte científico, mesmo que limitado. O que acontece é que

ainda há um número grande de pesquisas feitas no Brasil ainda não têm confirmação científica do seu trabalho, já que muitos autores apenas planejaram a implementação da prática e até o presente não momento não aplicaram e os que chegaram a realizar a biblioterapia ainda não tiveram confirmações dos resultados obtidos (ROCHA, 2014).

Evidencia-se, então, que apesar de todas as limitações e dificuldades enfrentadas, a biblioterapia é uma ciência válida e que, pelos projetos já aplicados, conclui-se que é de grande ajuda para os indivíduos, conseguindo alterar comportamentos e crenças disfuncionais. Contudo, é preciso mais incentivo, tanto dos locais em que a prática é aplicada quanto dos responsáveis pelos currículos de Biblioteconomia, já que muitos graduados saem da Universidade sem nunca ter ouvido falar de biblioterapia e se demonstram algum interesse, não possuem a formação necessária para atuar.

6 PANORAMA DA BIBLIOTERAPIA NO BRASIL: DIFICULDADES E LIMITAÇÕES

Para que a pesquisa não se concentrasse apenas no aporte teórico, foi realizada uma pesquisa de campo com pesquisadores que atuam ou já atuaram com a biblioterapia no Brasil para que se pudesse ouvir deles acerca das dificuldades ou limitações que percebem nesta prática.

Como já fora esmiuçado na metodologia, foram contatados vinte pesquisadores, mas, no período proposto para o envio das respostas, apenas onze participaram da pesquisa.

6.1 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

O questionário *on-line* com os pesquisadores foi composta de 12 questões que buscaram, em um primeiro momento, identificar sua formação e área de atuação, em seguida abordar sua experiência em biblioterapia e, por fim, conhecer seu ponto de vista acerca das dificuldades e limitações que essa prática pode enfrentar.

6.1.1 Formação e contato com a Biblioterapia

Estando estruturada desta maneira, na primeira pergunta pedimos para que eles indicassem sua formação, isto é, graduação, especialização, dentre outros títulos que venham a possuir. Dentre os 11 profissionais, nem todos são formados em Biblioteconomia, mas atuam em áreas afins como Enfermagem e Psicologia. No quadro 3 é possível ter certa noção das áreas que mais apareceram:

QUADRO 3 – Formação dos respondentes

Respondente	Área de formação
1	<i>Graduação e mestrado em enfermagem, doutorado em educação, especialização em acupuntura e em saúde da família e comunidade</i>
2	<i>Doutora em História e Filosofia da Ciência. Graduação em Biblioteconomia.</i>
3	<i>Graduado em Gestão Pública, especialista em Sociologia, mestre em Ciência da Informação</i>
4	<i>Graduado em Biblioteconomia. Mestrado em Engenharia de Produção.</i>
5	<i>Psicologia, especialização em arteterapia, mestrado em educação</i>
6	<i>Letras (UFMG), Psicologia (PUC Minas), Mestranda em Psicologia (PUC Minas),</i>

	<i>Formação em Biblioterapia, Cineterapia e Waking Dream Therapy pelo Instituto CRIAP em parceria com a Universidade Portucalense (UPT – Porto/Portugal).</i>
7	<i>Graduação em Biblioteconomia e Especialização em Formação de Leitores.</i>
8	<i>Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina com graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe</i>
9	<i>Bibliotecária</i>
10	<i>Graduação em Biblioteconomia</i>
11	<i>Mestrado completo, Doutoranda. Graduação em Biblioteconomia.</i>

FONTE: Elaborado pela autora (2019)

O quadro 3 corrobora com o fato de que a Biblioterapia não é praticada apenas por bibliotecários, mas outros profissionais, especialmente da área da saúde, também podem aplicá-la. Assis, Santos e Jesus (2019), assim como diversos outros autores, afirmam que a biblioterapia envolve práxis, técnicas e métodos multidisciplinares, assim conta com a participação de médicos, assistentes sociais, psicólogos, entre outros. Os autores ressaltam que cada profissional pode trazer experiências e conhecimentos próprios da sua área a fim de contribuir com a biblioterapia. Esta diversificação profissional é importante especialmente quando se trata de biblioterapia clínica, a qual Marcinko (1989) recomenda que haja um médico na equipe a fim de lidar com problemas que fogem do rol de competências de um bibliotecário, por exemplo.

Porém, independente da área de formação, todos os profissionais devem ter uma formação complementar, seja como pesquisador ou através de cursos de capacitação. Esta necessidade é mencionada pela literatura especializada, Caldin, por exemplo, afirma que para iniciar na biblioterapia é preciso ter um suporte teórico e compreender os componentes biblioterapêuticos, isso é válido para qualquer área de formação (SOUSA, 2018). Alves (1982) e Marcinko (1989) também defendem a necessidade de um treinamento para a aplicação da biblioterapia. Segundo Marcinko (1989), entre os cuidados que o profissional deve ter na aplicação da biblioterapia, inclui-se um treinamento adequado. Este habilitará o biblioterapeuta a escolher um local adequado para as reuniões e selecionar os materiais adequados ao grupo, por exemplo.

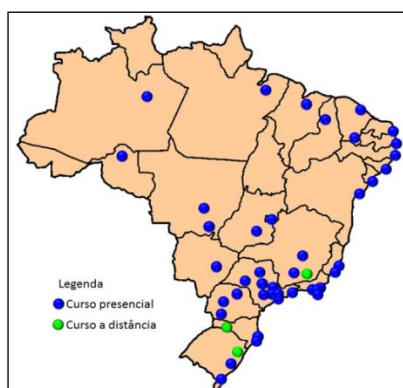
Exceto pela Formação em Biblioterapia pelo Instituto CRIAP, que é oferecida em Portugal, a especialização em Formação de Leitores apareceu como uma alternativa para entender melhor a Biblioterapia. Contudo, nem sempre os aplicadores de biblioterapia realizam cursos a fim de praticarem este tipo de

atividade. Quando questionados se fizeram alguma especialização, curso, oficina ou workshop para aplicar biblioterapia, a maioria afirmou que não. Quatro destes mostraram-se autodidatas para conhecer melhor sobre um assunto. O respondente 2 afirmou que não fez nenhum curso, mas que acompanhava voluntariamente uma bibliotecária que realizava este tipo de atividade, já o respondente 3 realizou “cursos livres e leituras orientadas”, o respondente 5 afirmou categoricamente ter sido “autodidata ao buscar materiais e referências no assunto e a recorrer a professores de literatura e filosofia” e que hoje realiza cursos com carga horária de 12 horas sobre este tema aos interessados em diversas cidades e estados. Por fim, o respondente 8 afirmou que aprendeu na prática também com o auxílio de uma professora da Universidade que realizava este tipo de atividade.

Estes resultados demonstram a carência existente no Brasil em relação à formação em Biblioterapia a ponto da pessoa precisar ser autodidata para aprender mais sobre esta prática. Existem sim alguns cursos, oficinas e encontros de biblioterapia, que serão vistos adiante, mas pelas respostas obtidas percebe-se que falta mais informações ou divulgação sobre eles, logo o preparo insuficiente do pesquisador para a aplicação desta prática.

Esta falta de informação e divulgação sobre a biblioterapia no Brasil é vista, inicialmente, dentro das Universidades. Ao observar o projeto pedagógico dos cursos de Biblioteconomia realizado por Barbalho et al. (2017), as regiões Sul, Sudeste e Nordeste são as que oferecem mais vagas para bibliotecários em suas instituições de ensino. Estes dados podem ser observados na figura a seguir:

FIGURA 1 - Distribuição nacional da oferta de cursos presenciais e a distância de bacharelados em Biblioteconomia



Fonte: BARBALHO et al (2017)

No total, há 44 (quarenta e quatro) instituições de ensino no Brasil, entre públicas e privadas, que oferecem o curso de Biblioteconomia na modalidade presencial, sendo 3 (três) na região Norte, 10 (dez) na região Nordeste, 19 (dezenove) na região Sudeste, 7 (sete) na região Sul e 5 (cinco) na região Centro-Oeste. Segundo Barbalho et al (2017), essa distribuição mostra-se insuficiente em relação ao tamanho do país, visto que grandes regiões como a Norte e a Centro-Oeste somam mais de 50% do território nacional e, juntas, oferecem apenas oito cursos de graduação em Biblioteconomia.

De todas essas instituições, percebe-se que pouquíssimas possuem Biblioterapia em suas grades curriculares. Na região Norte, apenas a Universidade Federal de Rondônia (UNIR) possui a Biblioterapia como disciplina optativa, com carga horária de 40h, de acordo com o Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia da UNIR (2018). Enquanto isso no Nordeste, a UFAL (Universidade Federal de Alagoas) não conta com a disciplina denominada “Biblioterapia” no currículo, mas existe uma disciplina optativa chamada “Contação de histórias” a qual tem em sua bibliografia uma obra sobre o tema. Por fim, na região Sul e na região Sudeste, respectivamente na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e na Universidade Federal de Minas Gerais, a biblioterapia é oferecida como uma disciplina optativa.

Já em relação a cursos isolados, oficinas e workshops, as regiões Sul e Sudeste saem na frente, mas ainda assim as oficinas não são tão numerosas considerando a quantidade de bibliotecários formados por ano nas universidades. Além disso, as outras três regiões do país praticamente ficam desprovidas de eventos na biblioterapia, o que é um problema, pois além de serem grandes, no quesito territorial, sabe-se que há interessados em Biblioterapia nos mais diversos estados, o que pode ser comprovado pelas respostas ao questionário.

É necessário ressaltar que os questionários foram enviados a profissionais de todas as cinco regiões brasileiras e que, dos onze respondentes, dois moram na região Centro-Oeste (Goiânia), um na região Norte (Manaus), três na região Sudeste (dois no estado do Rio de Janeiro e um em Minas Gerais), dois na região Nordeste (João Pessoa, na Paraíba, e Recife, em Pernambuco) e três na região Sul (dois em Florianópolis e um em Porto Alegre).

Percebe-se, assim, a dificuldade que alguns profissionais interessados em biblioterapia têm quando precisam aprender mais sobre a prática. Além dos cursos e oficinas limitados, poucas universidades no país oferecem conhecimento a mais sobre a biblioterapia. Muitas vezes é preciso se deslocar de sua região de origem para ter acesso a algum curso sobre seu tema de interesse, outras vezes é necessário ser autodidata, como dito por alguns respondentes.

Na própria pesquisa, em resposta à questão “No seu Estado ou Região há cursos ou especializações sobre a biblioterapia? Como vem sendo a prática desta atividade onde você mora?” a maioria dos respondentes mostraram não ter muito conhecimento do que vem sendo oferecido na região em que moram ou atuam, como é possível ver no quadro 4.

QUADRO 4 – Conhecimento sobre cursos ou especializações sobre biblioterapia na sua região de atuação.

Respondente	Resposta
1	<i>Não tenho conhecimento de experiências deste tipo</i>
2	<i>Não. Há grupos de Pesquisa em Extensão na UFPB.</i>
3	<i>Sim, há um excelente curso vivencial promovido pela psicóloga e biblioterapeuta Cristiana Seixas e outro de extensão realizado pela PUC Rio.</i>
4	<i>Ainda pouco divulgada e com poucos projetos sendo realizados.</i>
5	<i>Como dito acima, eu ofereço. Sei que a PUC RIO oferece um curso de extensão, ministrado por Nanci Nóbrega, mas a abordagem é diferente, por não envolver o campo da psicologia.</i>
6	<i>Não. Há muito pouca movimentação em relação à biblioterapia. Tenho conhecimento de mais três profissionais além de mim.</i>
7	<i>Não sei</i>
8	<i>Há apenas cursos livres de um dia ou final de semana.</i>
9	<i>Sim</i>
10	<i>Meu trabalho com biblioterapia foi há alguns anos atrás, de lá para cá desconheço como anda a prática de cursos/especializações na área. Até onde sei acontecem cursos periodicamente e não há especialização na área.</i>
11	<i>Mini cursos apenas e disciplina na faculdade de biblioteconomia.</i>

FONTE: Elaborado pela autora (2019)

Diante das respostas, foi realizada uma pesquisa para que se possa compreender o panorama desse tipo de capacitação no país e confirmar o que foi dito pelos respondentes. Assim, os eventos, oficinas e cursos citados a seguir são frutos do levantamento bibliográfico de Mattos (2018) juntamente com pesquisas

realizadas no *Google*, entre os dias 11 e 14 de outubro de 2019, com os seguintes termos “biblioterapia e oficina”, “biblioterapia e cursos”, “biblioterapia e eventos” e “biblioterapia e projetos”. O resultado desta pesquisa pode ser visto no quadro a seguir:

QUADRO 5 – Quadro quantitativo de cursos em biblioterapia por região

Região	Cursos/oficinas
Norte	Roda prática de Biblioterapia – (AM)
	Projeto de extensão de Biblioterapia (PA)
	I Ciclo de Biblioterapia – (PA)
Nordeste	Projeto de extensão “Anjos do HUAPAA” (AL)
	Projeto de extensão “Biblioterapia com crianças com câncer, a leitura como atividade lúdica” – (CE)
	Projeto de extensão no Instituto dos Cegos – (PB)
	Oficina “Biblioterapia: a arte do cuidado por meio das histórias” – (SE)
	Minicurso “Biblioterapia: o cuidado através dos livros” (PE)
Centro-Oeste	
Sudeste	Projeto de extensão “Biblioterapia na UFOP: tratando o corpo pela alma” (MG)
	Curso de capacitação “Biblioterapia em Estudo” (RJ)
	Curso de formação em Biblioterapia (RJ)
	Curso de Formação em Biblioterapia: a leitura como cuidado (RJ)
	I Encontro de Biblioterapia (RJ)
	II Encontro de Biblioterapia (RJ)
	Evento “Biblioterapia: que história é essa?” (RJ)
	Curso “Biblioterapia: bases conceituais, práticas e acervo” (RJ)
	Oficina “Círculo de Biblioterapia” (RJ)
	Formação on-line em mediação de leitura com o curso “Biblioterapia: a dinâmica de uma ação entre biblioteca, leitura literária e cuidado” (RJ)
	Curso “Vivência em Biblioterapia” (SP)
	Curso de Biblioterapia (SP)
	Curso online denominado “Práticas em Biblioterapia” (SP)
	Curso de biblioterapia (ES)
Sul	Curso de Biblioterapia (RS)
	Oficina de Biblioterapia: desvendando o potencial terapêutico da literatura (SC)
	Oficina: a biblioterapia como recurso no espaço educacional (RS e SC)

Fonte: Elaborado pela autora (2019)

No Norte, como afirma o respondente 4, a biblioterapia ainda é pouco divulgada e realmente há poucos projetos sendo realizados. Foram encontrados alguns eventos isolados idealizados pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) para os interessados em aprender mais sobre o tema. Enquanto a primeira realizou um ciclo de palestras com a finalidade de discutir a Biblioterapia, a segunda conta com um projeto de extensão de Biblioterapia voltado para pacientes internados no Hospital Universitário João de Barros Barreto, localizado em Belém. Já a UFOPA realizou, em junho de 2019, o I Ciclo de Biblioterapia no Campus de Juruti, este evento integra o projeto de extensão “A leitura como cuidado humano: uma proposta de biblioterapia”, da Biblioteca Professora Heley de Abreu do Campus Juruti (UFOPA).

No Nordeste também podem ser encontrados projetos de extensão e oficinas oferecidos pelas próprias universidades. A UFAL, por exemplo, realiza o projeto “Anjos do HUAPAA: a biblioterapia e outras ações culturais em hospital de ensino e assistência”, já a UFC (Universidade Federal do Ceará) tem o projeto “Biblioterapia com crianças com câncer, a leitura como atividade lúdica”, realizado pelo curso de Biblioteconomia. Na Paraíba, existe um projeto de extensão no Instituto dos Cegos, cuja biblioterapia é realizada para deficientes visuais, como bem afirmou o respondente 2. Já no Sergipe, houve, em 2017, a oficina “Biblioterapia: a arte do cuidado por meio das histórias” e em Pernambuco houve o minicurso “Biblioterapia: o cuidado através dos livros”, no mesmo ano.

No Sudeste percebe uma maior quantidade de cursos e oficinas voltados para a Biblioterapia. A Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) tem o projeto de extensão “Biblioterapia na UFOP: tratando o corpo pela alma”. Já no Rio de Janeiro, existiram cursos de capacitação como o “Biblioterapia em Estudo” da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) em 2017, no ano seguinte houve o curso de formação em Biblioterapia para Niterói e Rio de Janeiro. Além desses, a PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) oferece o “Curso de Formação em Biblioterapia: a leitura como cuidado” com carga horária de 20 horas. Este curso foi citado pelos respondentes 3 e 5, ambos atuantes no Rio de Janeiro. Neste mesmo estado, é importante citar, aconteceu o I Encontro de Biblioterapia, na

UNIRIO, em 2016 e agora em outubro de 2019 aconteceu o “II Encontro de Biblioterapia: cartografias e rumos” na Universidade Federal Fluminense (UFF). Essas duas universidades também saem na frente, em termos de Sudeste, em relação a outros eventos que tratem do tema, pois em 2018 a UFF, em comemoração ao Dia do Bibliotecário realizou palestras sobre Biblioterapia e a UNIRIO trouxe o evento “Biblioterapia: que história é essa?”, em 2016. Para finalizar os cursos oferecidos no Rio de Janeiro, houve, em maio de 2018 e em agosto de 2019 o curso “Biblioterapia: bases conceituais, práticas e acervo”, ministrado por Cristina Seixas, a idealizadora do primeiro encontro de Biblioterapia, em 2017 houve a oficina “Círculo de Biblioterapia” ministrada pela professora e biblioterapeuta Cristhina Ramos.

Cita-se também a formação online em andamento a partir de outubro de 2019, denominada “Biblioterapia: a dinâmica de uma ação entre biblioteca, leitura literária e cuidado”. Inclui-se esta formação na região Sudeste para fins didáticos, visto que é mediada pela professora Nanci Nóbrega, da Universidade Federal Fluminense, contudo para participar do curso pode ser de qualquer região do país.

No estado de São Paulo, por sua vez, foram encontrados alguns cursos, mas em menos quantidade do que no estado fluminense. O curso “Vivência em Biblioterapia” iniciou-se em fevereiro de 2019, sendo conduzido por uma profissional formada em Psicologia e em Biblioteconomia, na cidade de São Paulo. Ainda na capital paulista, uma pedagoga pós-graduada em “A arte de contar histórias” ofereceu o Curso de Biblioterapia no espaço cultural Casa Tamarindo no mês de setembro de 2019. No ano de 2008 também foi oferecido um curso com o mesmo nome na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Por falar em universidades paulistas, uma professora formada pela UFSCAR (Universidade de São Carlos) oferece um curso online denominado “Práticas em Biblioterapia”. Já no Estado do Espírito Santo, foi possível encontrar um curso gratuito de Biblioterapia oferecido pela Biblioteca Municipal de Vitória, em 2018.

Por fim, na região Sul, destacam-se três cursos de Biblioterapia. O primeiro foi fruto de uma parceria da Secretaria Municipal de Cultura com a Universidade de Caxias do Sul (UCS), em 2005. O curso ofereceu 25 vagas para acadêmicos de diversos cursos afins como Letras, Psicologia, Enfermagem entre outros e foi ministrado por Clarice Fortkamp Caldin. Já a UNOCHAPECÓ (Universidade

Comunitária da Região de Chapecó), em Santa Catarina, ofereceu, em 2019, a “Oficina de Biblioterapia: desvendando o potencial terapêutico da literatura”. Esta oficina foi ministrada pela consultora em biblioterapia, Carla Sousa, que possui mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Outra oficina realizada nesta região do país foi a intitulada “A biblioterapia como recurso no espaço educacional”, ministrada por Liêge Knoche, bacharel em Biblioteconomia e Gestão da Informação pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Tal oficina foi ministrada em 2017 em Florianópolis e em Porto Alegre. Percebe-se que os próprios profissionais que habitam esta região não conhecem muito mais do que cursos do tipo que a região vem oferecendo, já que todos os três respondentes do Sul afirmaram que havia cursos apenas de um dia ou de final de semana, isto é, minicursos que acontecem de maneira periódica, como os citados acima.

Na região Centro-Oeste, por sua vez, não foi encontrado nenhum curso ou oficina nesses últimos anos que abordem a Biblioterapia, os próprios respondentes oriundos desta região foram os únicos que apontaram não ter conhecimento de eventos deste tipo. Juntamente com a região Norte, são as regiões do país que menos têm a oferecer quando se trata de Biblioterapia, apesar de haver profissionais interessados.

Outra curiosidade em relação a estes cursos é que dentre as ministrantes, não haviam apenas bibliotecários, e sim pedagogos e psicólogos, ressaltando novamente a diversidade de profissões que atuam com biblioterapia.

Deixando a formação e área de atuação de lado, os entrevistados também foram questionados sobre o primeiro contato com a Biblioterapia e, surpreendentemente, por esta disciplina raramente ser abordada no currículo, grande parte dos respondentes tiveram contato na Universidade, seja por meio da pesquisa, do ensino ou da extensão. O respondente 11, por exemplo, conheceu através de disciplina optativa na faculdade, já o respondente 10 conheceu através da pesquisa, no ambiente acadêmico, enquanto que os respondentes 2 e 9 tiveram contato por meio de projetos de extensão de seus respectivos professores, que aplicavam a Biblioterapia em deficientes visuais da Biblioteca da Universidade Federal da Paraíba e em pacientes do Hospital das Clínicas de Pernambuco, respectivamente. Outro fator que corrobora com a multidisciplinariedade é que

apesar de cinco respondentes deixarem claro que conheceram a biblioterapia durante a graduação em Biblioteconomia, o respondente 5 ouviu falar sobre o tema durante a graduação em Psicologia.

Enquanto isso, o respondente 1 conheceu a biblioterapia por meio de notícias da Internet e o respondente 4 por meio de palestras e artigos científicos. Enquanto isso, o respondente 7 aprendeu sobre biblioterapia durante um projeto realizado no seu local de trabalho. Nenhum deles realizou cursos ou oficinas no seu momento de aprendizado, e, curiosamente, dois deles são de Goiânia e um de Manaus, as regiões que, como visto, menos oferecem oportunidades de capacitação e especialização em Biblioterapia.

6.1.2 Experiências com a biblioterapia

Independente de como obtiveram contato com a biblioterapia ou se fizeram cursos de capacitação ou não, todos os respondentes escolhidos tiveram um denominador comum: o interesse e estudo do tema. Além disso, exceto pelo respondente 3, que estuda sobre a biblioterapia para posterior desenvolvimento de artigos que possam ser úteis a estudantes e profissionais interessados no tema, todos os outros tiveram em comum a experiência prática com esta atividade. O quadro a seguir procura mostrar que tipo de experiência cada um dos pesquisadores obteve com o que eles entendem por biblioterapia, sem julgar se tais experiências encaixam-se nos conceitos já expostos nos capítulos anteriores.

QUADRO 6 – Experiência dos respondentes com a prática da biblioterapia

Respondente	Local	Público-alvo
1	<i>Usei na atenção à saúde em unidade de saúde da família</i>	<i>Todas as faixas etárias</i>
2	<i>Minha experiência está relacionada a prática de leitura para crianças câncer.</i>	<i>Crianças</i>
4	<i>Atualmente eu coordeno um projeto de biblioterapia chamado de "Nem todo herói usa capa, alguns leem livros" que é desenvolvido em uma instituição de saúde especializada em tratamento de pacientes com câncer.</i>	<i>Pacientes em tratamento de câncer (adultos e crianças)</i>
5	<i>Iniciei os atendimentos clínicos, utilizando a biblioterapia como veículo de cuidado em 2010. Desde julho de 2011, ofereço rodas de</i>	<i>Bibliotecários, psicólogos, educadores, estudantes, médicos e interessados em geral</i>

	<i>leitura semanais em Niterói –RJ, até os dias atuais. Já fiz rodas em outras cidades como Rio de Janeiro, João Pessoa, Recife, Natal, Macaé, Juiz de Fora, Barra Mansa, dentre outras.</i>	
6	<i>Sou psicóloga e uso a biblioterapia em intervenções clínicas em consultório particular e em atividades em grupo no consultório, em bibliotecas e escolas que me procuram.</i>	<i>Na clínica particular: adultos que acolheram a proposta do trabalho com a literatura na dimensão clínica. Em universidades, bibliotecas e escolas jovens e adultos.</i>
7	<i>Atuei como responsável pelo Projeto Biblioteca Solidária, realizado pelo Sesc Goiás de 2011 a 2016, em hospitais da rede pública de Goiânia. O projeto levava alegria e descontração aos pacientes por meio de histórias.</i>	<i>Pacientes e acompanhantes de hospitais da rede pública de Goiânia</i>
8	<i>Faço diversos trabalhos envolvendo a Biblioterapia, tanto aplicando a biblioterapia na prática em encontros e vivências quanto ministrando cursos e oficinas para profissionais e pessoas que querem conhecer a temática. Além disso, pesquiso e escrevo artigos científicos sobre o tema. Atualmente, tenho me dedicado mais ao meu curso online 'Desvendando a Biblioterapia', lançado no início de 2019, e participado de eventos nacionais para falar sobre a Biblioterapia.</i>	<i>No geral, meu público-alvo é formado por profissionais que querem entender o que é a Biblioterapia e aplicar no seu trabalho. São profissionais de diversas áreas, como da Educação, Biblioteconomia, Pedagogia, Jornalismo, Psicologia e até mesmo da Enfermagem.</i>
9	<i>Participei de um projeto no Hospital das Clínicas de Pernambuco por uns dois anos. Montamos uma biblioteca do zero no Hospital e uma vez por semana subíamos para alguns andares para fazer mediações com os pacientes.</i>	<i>No começo com crianças, depois com adultos</i>
10	<i>Realizei um trabalho de conclusão de curso aplicando biblioterapia em um Hospital</i>	<i>Adolescentes com Fibrose Cística.</i>
11	<i>Fiz uma prática como atividade da disciplina.</i>	<i>Idosos de um asilo</i>

FONTE: Elaborado pela autora (2019)

Assim como visto no levantamento bibliográfico realizado nos capítulos anteriores, a maioria dos profissionais (seis respondentes) que aplicam biblioterapia priorizam o ambiente hospitalar e indivíduos doentes, talvez pela premissa de que a biblioterapia pode amenizar o clima de tensão e ansiedade existente em um hospital ou na vida de uma pessoa doente, bem como a de seus familiares (PEREIRA, 2016).

Nota-se também que pacientes com diversas doenças podem ser auxiliados pela biblioterapia, desde o câncer até a fibrose cística. Sobre isto, Balbino (2014), ao

aplicar a biblioterapia para crianças e jovens cancerosos percebeu que a biblioterapia realmente contribuiu para amenizar a angústia e a dor provocadas pela doença e pelo ambiente hospitalar. Sem a biblioterapia, o autor notou que esses pacientes ficavam ociosos e com tempo livre o suficiente para mergulhar em sua doença, o que elevava os graus de angústia, estresse e tristeza. Deste modo, ele considera que a Biblioterapia seja um recurso auxiliar importante no tratamento do câncer, juntamente com quimioterapia e radioterapia, visto que proporciona ao indivíduo certo bem estar (BALBINO, 2014). A fim de corroborar com este pensamento, Elliott et al (2011) também acredita que a função terapêutica da leitura seja fundamental para que se produza a pacificação das emoções e no auxílio à aceitação do tratamento.

Além disso, a biblioterapia auxilia quem não tem doença física alguma e pode ser aplicada em contextos distintos do hospitalar, como provam os dois respondentes psicólogos que utilizam esta prática em seus atendimentos clínicos. Neste caso, pode-se falar em biblioterapia para desenvolvimento pessoal, que é aplicada também em escolas, centros comunitários ou religiosos. Este tipo de biblioterapia, que inclui discussões orientadas e leituras dirigidas, é utilizado a fim de complementar a educação formal e deve ser aplicado por alguém devidamente treinado para este fim (FERREIRA, 2003).

Por fim, prova-se mais uma vez que o público-alvo da biblioterapia não tem restrições quanto a faixa etária, visto que nas respostas apareceram crianças, adolescentes, adultos e idosos como beneficiários. Pereira (2016, p. 17) afirma que, independente da idade, a intenção da biblioterapia é “proporcionar bem estar, aliviar as tensões diárias e auxiliar na solução de pequenos problemas pessoais”.

É interessante destacar também que alguns profissionais têm a preocupação de passar para outras pessoas seus conhecimentos sobre a biblioterapia e não ficam restritos apenas a aplicar a biblioterapia. Assim, os respondentes 5 e 8, por exemplo, já tiveram experiências práticas mas, ao mesmo tempo, repassam o que sabem para outros profissionais, sejam bibliotecários, psicólogos, enfermeiros, médicos, estudantes e demais interessados. Esse compartilhamento de informação faz-se necessário por mais profissionais já que, como foi visto, há certa carência de cursos e oficinas de biblioterapia em grande parte do Brasil, tanto que a área de

atuação do respondente 5 não abrange nenhum dos estados que sofrem desta carência.

A questão posterior buscou saber sobre a equipe multidisciplinar que, por ventura, tenha trabalhado com o respondente nas suas experiências. A seguir podem ser vistos algumas profissões passíveis de atuar com a biblioterapia:

QUADRO 7 – Equipe multidisciplinar

Respondente	“Alguma equipe trabalhou com você? Nela incluíam quais profissionais? ”
1	<i>Não</i>
2	<i>Foi um projeto de Extensão que envolvia Professores e alunos do Curso de Biblioteconomia da UFPB.</i>
3	<i>Nenhuma equipe</i>
4	<i>A equipe que trabalha no projeto é multidisciplinar: Enfermagem, Medicina, Biblioteconomia, Psicologia, Pedagogia, dentre outras.</i>
5	<i>Trabalho em conjunto com um grupo que chamo de Bibliofamília. São alunos do curso que mantêm contato através de grupo de whatsapp que continuamente partilha acervo e inspira temas e formas de abordagem.</i>
6	<i>Tenho comigo uma estagiária do curso de psicologia.</i>
7	<i>Músicos e contadores de histórias</i>
8	<i>Nos meus cursos eu atuo sozinha. Mas quando realizo projetos e vivências em instituições como escola, por exemplo, o trabalho envolve os professores, equipe pedagógica e psicólogos, caso tenha. Dependendo do espaço, o trabalho precisa ser interdisciplinar.</i>
9	<i>Sim, éramos uma equipe de 10 alunos mais um professor que nos assessorava.</i>
10	<i>Me auxiliaram alguns bolsistas do projeto. Todos estudantes de Biblioteconomia ou Técnico em Biblioteconomia (inclusive eu também era, na época)</i>
11	<i>Fomos em três estudantes e a professora da disciplina. Os profissionais do local (não sei a formação deles) nos orientaram sobre alimentos que levamos (chocolate diet devido a alguns idosos serem diabéticos)</i>

FONTE: Elaborado pela autora (2019)

De onze respondentes, apenas dois disseram não haver equipe multiprofissional trabalhando com eles. No caso do respondente 3 já era esperado pois ele nunca aplicou na prática a biblioterapia, já o caso do respondente 1, da área de Enfermagem, utilizou a técnica em unidade de saúde da família. Este exemplo mostra que não é impossível trabalhar sozinho com biblioterapia, mas é mais comum que se tenha uma equipe a fim de tornar aquele momento mais complexo para que o usuário possa ser auxiliado nas mais diversas necessidades, pois nem sempre apenas o enfermeiro, ou apenas o psicólogo ou apenas o bibliotecário poderá dar o suporte necessário, às vezes é preciso trabalhar em conjunto.

Não é surpresa que as áreas mais citadas sejam relacionadas à Biblioteconomia e à Psicologia, considerando que o trabalho de ambas as profissões são mais visíveis quando se trata de biblioterapia, já que, se trata, a grosso modo, de leitura e conversa. Outras respostas fora deste eixo que apareceram foram músicos, contadores de histórias e pedagogos, profissões que enriquecem todo o processo e podem tornar a biblioterapia mais atrativa.

Importante ressaltar que a equipe multiprofissional é defendida por diversos autores, como Almeida (2011), que vê a necessidade de equipes compostas por assistentes sociais, bibliotecários, educadores, enfermeiros, psicólogos, médicos, entre outros. Castro e Pinheiro (2005) acreditam que o papel do bibliotecário nesta prática é definido não só pela sua formação profissional específica mas também pela sua interação com os outros profissionais. Caldin (2001) segue o mesmo pensamento e afirma que na biblioterapia deve haver parcerias entre Biblioteconomia, Literatura, Educação, Medicina e Enfermagem.

6.1.3 Limitações e dificuldades: como superá-las?

No capítulo 5 foram expostas as principais limitações e dificuldades encontradas no âmbito da biblioterapia. Contudo as colocações foram feitas de forma geral, de acordo com a literatura sobre o tema. Cabe ressaltar agora a opinião pessoal de cada pesquisador que já atuou com biblioterapia para que se possa entender com quais dificuldades eles tiveram que lidar na prática. Como o respondente 3 não aplicou, a resposta dele para a pergunta *“Encontrou alguma dificuldade ou limitação nas vezes em que aplicou a biblioterapia? Se sim, você pode comentar sobre elas?”* não será transcrita aqui.

QUADRO 8 – Dificuldades e limitações encontradas na prática

Respondente	Dificuldade / limitação
1	<i>Gestão não aprovava a prática</i>
2	<i>A dificuldade em questão advém das precauções que se deve ter com a criança com câncer, visto ter toda uma atenção que era delimitado por médicos que acompanhavam a saúde das crianças e o ambiente ser o hospital, embora havia um ambiente próprio para a criança recrear. Contudo a dificuldade está diretamente relacionada ao público-alvo a que se direciona a atividade de Biblioterapia.</i>
4	<i>Sim. Principalmente no acesso aos parceiros para apoiar o projeto e na disponibilidade das pessoas. Porém foi superada com o desenrolar do desenvolvimento do projeto.</i>

5	<i>A biblioterapia mobiliza emoções, o que pode assustar alguns. Pelos aprendizados nas travessias, desenvolvi estratégias para lidar com essas situações.</i>
6	<i>A adesão não é expressiva em termos quantitativos. No entanto, quem participa sempre aproveita muito. Já dei entrevista em rádio local, recebi muitos feedbacks positivos, porém ao promover grupos a participação nunca ultrapassou 8 pessoas. Mas Nas escolas o formato é oficina, o que pode ser terapêutico, porém a motivação é da equipe pedagógica que me chama e não parte dos jovens.</i>
7	<i>Não, a equipe dos hospitais sempre muito receptiva e os pacientes também.</i>
8	<i>Sim. Às vezes não tinha público para realizar a atividade. Por ser pouco conhecida aqui no Brasil, até mesmo o nome 'Biblioterapia' causa certo estranhamento nas pessoas. Que, na dúvida, acabam não apostando na proposta.</i>
9	<i>A equipe do hospital sempre foi muito receptiva a nós. Os pacientes começavam um pouco tímidos, mas depois interagiam com a gente. Nenhum problema que seja relevante.</i>
10	<i>Não acredito que tenha encontrado dificuldades ou limitações. O hospital possibilitava as visitas, as pessoas com quem trabalhei gostavam da prática. Não se precisa de muita para praticar biblioterapia.</i>
11	<i>Não</i>

FONTE: Elaborado pela autora (2019)

Como se pode perceber, há vezes em que o trabalho flui como previsto, sem nenhuma dificuldade ou limitação relevante que possa atrapalhá-lo. Este foi o caso dos respondentes 7, 10 e 11, que encontraram locais bem receptivos e pacientes entusiasmados para participarem da biblioterapia. Contudo, nem sempre este trabalho acontece de maneira linear.

Há momentos em que as dificuldades advêm do local, como exposto pelo respondente 1, que lidou com uma gestão que não aprovava a prática, e outras vezes as dificuldades vêm dos pacientes. O respondente 2 trouxe à tona algo de fundamental importância que deve ser considerado por todos os profissionais: o respeito e cuidado com os pacientes. Assim, a limitação ressaltada por ele foi a precaução que se deveria ter com uma criança com câncer, de modo que as atividades, as conversas e até mesmo as leituras devem ser cuidadosamente elaboradas. Outra limitação em relação a pacientes foi relatada pelo respondente 11 anteriormente, quando afirmou ter sido orientado sobre alimentos que deveriam ser levados aos idosos de um asilo, já que alguns eram diabéticos.

Quando se trata de pacientes ou usuários, outra dificuldade relatada foi sua não adesão, pelo menos em um primeiro momento, à biblioterapia. O respondente 5 notou susto em alguns, devido às emoções mobilizadas pela atividade, já o respondente 6 ressaltou a pouca participação em termos quantitativos, dando o

exemplo de que em todos os grupos que promoveu nunca houve mais do que oito pessoas. O respondente 8 notou a mesma dificuldade e afirmou que muitas vezes a atividade não era realizada por falta de público e acredita que o nome “Biblioterapia” pode causar estranhamento e afastamento das pessoas. O respondente 9 também citou a timidez dos pacientes no início, mas à medida que conheciam a proposta iam se soltando.

Ressalta-se, assim, que no momento da prática, a maior dificuldade vem do público, que na maioria das vezes não tem conhecimento do que seja a biblioterapia e não tem interesse em conhecer. Outros, como já relatado, se fecham e não querem ou não conseguem lidar com suas emoções. Desta forma, faz-se importante que o profissional responsável pela biblioterapia tome como exemplo o feito do respondente 5 e desenvolva estratégias para lidar com esse estranhamento e susto por parte dos usuários.

Essas dificuldades estão diretamente relacionadas com a falta de conhecimento e de divulgação da biblioterapia, tanto no meio acadêmico e profissional, quanto entre os pacientes. Falhas como estas ocorrem em todas as regiões do Brasil e foram citados por todos os profissionais entrevistados. Pode-se tomar como exemplo a resposta do respondente 8, que afirmou que *“não só na minha região, mas em todo o Brasil, falta conhecimento sobre a temática e interesse das pessoas nas áreas de leitura e literatura”*, resposta ratificada pelo respondente 9 que culpa a *“falta de divulgação e talvez a falta de interesse pelo próximo”*. A maioria dos entrevistados concordaram que esta divulgação deveria vir, inicialmente, da própria Universidade, sendo, inclusive, sugerida pelo respondente 10 a criação de uma disciplina específica na área para os interessados no assunto.

Machado (2010), em pesquisa realizada com alguns bibliotecários da cidade de Goiânia, chegou a uma conclusão que corrobora com estes resultados. À época de sua pesquisa, nenhum dos bibliotecários que ela entrevistou havia trabalhado com biblioterapia e metade deles não apoiava a criação de um serviço de biblioterapia na unidade onde trabalhavam. Um dos motivos pode ser justamente o não oferecimento, em grande parte do país, de disciplinas que abordem a biblioterapia, este fato pode relacionar-se à pouca divulgação dos benefícios aos usuários e à insegurança dos bibliotecários para iniciar uma prática desta no seu

local de trabalho. A autora acredita que a biblioterapia deva ser adotada pelos cursos de Biblioteconomia.

Para superar outras dificuldades que podem advir da prática da biblioterapia, relacionada, sobretudo, ao aplicador, os profissionais também mencionaram algumas características próprias que este deve ter como “*conhecimento e muita dedicação à atividade*” (respondente 2), “*a proatividade e a perseverança*” (respondente 4) e “*...força de vontade e ter uma equipe capacitada para exercer/dirigir a atividade*” (respondente 10). Essas e outras características são mencionadas na literatura por Bezerra (2011 apud Pereira, 2016), como a estabilidade emocional, a canalização de sentimentos pessoais, boa recepção à nova aprendizagem, bem estar físico e controle de preconceitos pessoais.

Talvez com essas características dos profissionais e com ampla divulgação do que seja a Biblioterapia, o problema da falta de interesse dos usuários possa ser amenizado.

6.1.4 Reconhecimento da biblioterapia

Apesar de ter certas dificuldades e limitações, a biblioterapia vem buscando seu espaço no país. Contudo, existe receio por conta não só dos usuários, mas de alguns profissionais que estudam sobre a biblioterapia de que ela não possua reconhecimento como prática terapêutica. Sobre este assunto, buscamos ouvir a opinião dos respondentes e obtivemos respostas distintas, um dado que mostra a ausência de um conselho profissional interessado no tema que possa promovê-lo, reunir comprovações científicas e lutar para que seja melhor divulgado nas universidades dos mais diversos cursos.

O quadro 9 exhibe as respostas dos pesquisadores perante a pergunta “A biblioterapia tem reconhecimento enquanto prática terapêutica?”, percebe-se que os respondentes têm opiniões divergentes sobre isso.

QUADRO 9 – A biblioterapia tem reconhecimento enquanto prática terapêutica?

Respondente	Resposta
1	<i>Quase nenhum</i>
2	<i>No âmbito da área da saúde, desconheço alguma pesquisa científica para reconhecimento da Biblioterapia enquanto prática terapêutica.</i>
3	<i>Não seria um reconhecimento formal, uma vez que não há uma organização formal e um curso de especialização como referência.</i>

4	<i>Acredito que sim, justamente pela sua propriedade de gerar bem estar e qualidade de vida através da leitura.</i>
5	<i>Ainda não. É preciso que seja reconhecida como PIC (Prática Integrativa e Complementar de Saúde). Seria um primeiro passo.</i>
6	<i>Sim! Fiz formação em instituição europeia e pude ver como a biblioterapia é reconhecida, sendo uma política pública de saúde em algumas regiões de Portugal e Inglaterra. Aqui temos muito o que avançar.</i>
7	<i>Em âmbito geral acho que a biblioterapia não é reconhecida, até porque as pessoas não conhecem muito sobre o assunto, mas as equipes dos hospitais que nos recebiam reconheciam e nos davam muitos depoimentos de melhora no quadro clínico de algumas crianças ou pacientes em geral.</i>
8	<i>Entendo 'prática terapêutica' como cuidado com o ser humano. O que é um sentido muito mais abrangente do que às vezes costumam pensar. Dessa forma, sim. Quem é leitor de literatura reconhece que as histórias são como medicamentos que cuidam do ser de maneira integral. No entanto, científica e academicamente aqui no Brasil estão começando a despertar agora para a Biblioterapia enquanto prática terapêutica. Mas, ainda temos muito trabalho pela frente.</i>
9	<i>Em minha opinião, sim! Posso falar por experiência própria nas minhas visitas aos quartos para meditação. Notávamos o rosto de cada um que se abriu para a gente e os comentários dos médicos e enfermeiros quando chegávamos sobre a animação dos pacientes. As crianças estavam sempre com sorrisos no rosto. Os adultos eram mais tímidos e fechados, mas sempre abriam um sorriso e agradeciam nossa presença.</i>
10	<i>Com certeza. Acredito que algum psicólogo possa comprovar isso. Mas na prática, eu percebi que a biblioterapia causa identificação, catarse e resiliência em quem está disposto a participar da atividade, ainda mais em ambientes vulneráveis, como hospitais e casas geriátricas.</i>
11	<i>Acredito que sim</i>

FONTE: Elaborado pela autora (2019)

Dos 11 respondentes, cinco deles acreditam que a biblioterapia ainda não atingiu um nível satisfatório de reconhecimento enquanto prática terapêutica. Eles mencionam a carência de formalidades quanto se trata de biblioterapia. O respondente 2 sente falta de pesquisa científica que reconheça esta prática como terapêutica, já o 3 nota a falta de organização formal e curso de especialização na área. Por sua vez, o respondente 5 acredita que a biblioterapia precisa ser reconhecida como Prática Integrativa e Complementar de Saúde, também denominada como medicina tradicional e complementar. As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde foram institucionalizadas por meio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde e atualmente contemplam a arteterapia, a ayurveda, a biodança, a dança circular, a meditação, a musicoterapia, a naturopatia, a osteopatia, a quiropraxia, a reflexoterapia, o reiki, a shantala, a terapia comunitária integrativa e a yoga. Essas

práticas buscam ampliar as abordagens de cuidado e as possibilidades terapêuticas aos usuários (BRASIL, 2018).

Considerando tais respostas, percebe-se que falta certa “oficialização” quando se fala em biblioterapia, pois pode passar pela cabeça das pessoas que é uma invenção, algo artístico sem finalidade alguma, gerando certo afastamento e receio.

O respondente 6 concorda com os seus colegas e ainda ressalta que na Europa a situação é bem diferente, já que lá a biblioterapia é tão reconhecida que tornou-se uma política pública de saúde em algumas regiões de Portugal e da Inglaterra. A biblioterapia no Reino Unido, por exemplo, vem se intensificando desde os anos 2000, quando vários programas de biblioterapia surgiram na região como forma de políticas públicas para combater problemas de saúde mental. Leite e Caldin (2017) observam que esta prática, no Reino Unido, é oferecida em bibliotecas públicas, clínicas, escolas, asilos, entre outras instituições, todas em parceria com serviços de saúde. As autoras também ressaltam que a importância da biblioterapia no Reino Unido relaciona-se a alta demanda por serviços psiquiátricos e psicológicos aliada ao orçamento limitado e ao foco na prevenção. O reconhecimento da biblioterapia nestes países é tão grande que as diretrizes do Instituto Nacional de Excelência Clínica sobre o tratamento de ansiedade, depressão e distúrbios alimentares, sugerem a biblioterapia e ainda afirma que “os clínicos gerais devem prescrever livros antes de prescrever medicação” (LEITE; CALDIN, 2017, p.57)

Contudo, de volta ao Brasil, apesar da falta de uma organização formal e de pouco reconhecimento, outros conhecedores do assunto entendem que a biblioterapia é sim reconhecida enquanto prática terapêutica, e justificam sua resposta com base nas experiências que tiveram e nas melhoras efetivas que viram nas pessoas com que praticaram biblioterapia.

Essa diversificação nas respostas não implica necessariamente que alguém esteja errado, mas demonstra, novamente, as falhas que envolvem esta prática: ainda não se pode afirmar, com 100% de certeza, que a biblioterapia possua comprovação científica, mas, caso seja mediada por um profissional treinado, pode ajudar sim o usuário a obter melhoras comportamentais e emocionais, como vistos nos projetos descritos neste trabalho. Porém, é difícil conseguir chegar na etapa de

ter pacientes interessados e locais que possam oferecer seu espaço para este tipo de prática, se a biblioterapia não tiver três características: reconhecimento científico e acadêmico; consenso na definição de conceitos, métodos e objetivos, de modo a não permitir ambiguidades e, principalmente, ampla divulgação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa tratou sobre o atual panorama da biblioterapia no Brasil. Além de conceituar o tema e explorar seus principais componentes, também trouxe suas dificuldades e limitações, como previsto na **questão problema**, buscando a opinião de profissionais e conhecedores da área a fim de enriquecer a discussão sobre o tema, como relatado nos objetivos específicos.

Conclui-se, por meio das experiências descritas e opiniões dos autores entrevistados, que a biblioterapia, isto é, a leitura como forma de auxílio emocional e comportamental, funciona na prática e vem ajudando diversas pessoas em seus problemas particulares. Mas para que seja efetiva, é preciso observar variáveis como o devido preparo emocional e arcabouço teórico da equipe multiprofissional. Isto é, é preciso saber lidar com diferentes tipos de pessoas, com diferentes motivações, atitudes, problemas físicos e limitações. Além disso, deve haver interesse e entrega genuína por parte do usuário. Deste modo, haverá condições para que identificação dos elementos do método biblioterapêutico citados anteriormente, como a catarse, humor, introspecção, projeção e identificação. Porém, nem tudo ocorre de maneira fluida e a biblioterapia se vê cercada por dificuldades e limitações que impedem seu crescimento no Brasil.

Como citado no **objetivo geral**, essas dificuldades e limitações podem ser encontradas sob os vieses geográfico, teórico e prático. Primeiramente, percebe-se, a partir do panorama realizado, a distribuição desigual de tudo o que envolve a biblioterapia no país, seja produções científicas ou cursos de capacitação. As regiões Norte e Centro-Oeste aparecem de maneira tímida quanto ao oferecimento de cursos e oficinas para os profissionais interessados em Biblioterapia. Na região Centro-Oeste mesmo, apesar de haver algumas publicações científicas e acadêmicas sobre o tema, tanto oriundos da UnB quanto da UFG, não foi encontrado curso ou oficina sobre o tema discutido. Já na região Norte conclui-se que a quantidade de artigos encontrados que trabalham a aplicação da biblioterapia no contexto prático é pífia em relação ao tamanho e à quantidade de Estados que fazem parte dela.

Por outro lado, as regiões Nordeste, Sudeste e Sul têm muito mais artigos publicados sobre a biblioterapia aplicada na prática, especialmente a Região Sul, visto ser o local onde atua a pesquisadora pioneira nesta área, Clarice Fortkamp

Caldin. Esta foi responsável pela inserção da “Biblioterapia” na grade curricular da UFSC e, como nesta disciplina, havia o requisito de executar atividades biblioterapêuticas, muitas foram transformadas em artigos ou até mesmo em trabalhos de conclusão de curso, aumentando a produção intelectual sobre o tema. Estas três regiões também oferecem maior quantidade de cursos e oficinas para interessados em aprender e aplicar a biblioterapia, especialmente a Região Sudeste, com destaque para o Rio de Janeiro. Porém, como já dito anteriormente, estes cursos não se fazem suficientes e para que se solucione este problema, pode haver a criação de cursos e oficinas em mais locais do Brasil, além de, principalmente, inserir a Biblioterapia na grade curricular dos cursos de Biblioteconomia ou até mesmo de Psicologia, Enfermagem, entre outras matérias afins.

Outra dificuldade tratada ao longo desta pesquisa, inserida no viés prático, foi certo preconceito e estranhamento dos usuários e do local de aplicação em relação à prática da biblioterapia, o que fazem muitos não darem oportunidade. Para que isso possa ser amenizado, o caminho é divulgar esta prática e dar a ela o devido reconhecimento científico e terapêutico. Os diversos artigos e monografias escritos sobre este tema e relatados anteriormente nesta pesquisa comprovam sua eficácia. Mas é preciso que este reconhecimento venha, primeiramente, do meio acadêmico, visto que há divergências entre profissionais da mesma área sobre a biblioterapia. É preciso que a academia se una e acredite nos benefícios desta prática a fim de passar a confiança necessária aos usuários de que a biblioterapia funciona e pode ajudá-los em um momento difícil ou mesmo para o desenvolvimento pessoal.

Mais dificuldades foram relatadas após leitura de artigos sobre o tema, e o viés teórico apenas confirma o que já foi dito anteriormente: afastamento da biblioterapia das Universidades, ausência de profissionais habilitados e interessados, dificuldades relativas ao local de aplicação, falta de pessoas interessadas, entre outros.

Portanto, como toda prática, a biblioterapia sofre dificuldades, porém como ainda está em crescimento e em processo de reconhecimento no Brasil, é comum que elas apareçam em maior número. Assim, a **hipótese** inicial da pesquisa mostrou-se comprovada, visto que o pouco reconhecimento e a escassa divulgação tornam-se obstáculos para o crescimento da biblioterapia no país.

No entanto, é uma prática que contribui com benefícios já comprovados e pode ser utilizada em diversas faixas etárias, nos mais variados locais e em inúmeras situações. Assim, em prol de um maior bem-estar social, é vantajoso enfrentar essas dificuldades, especialmente no que se refere ao reconhecimento acadêmico e como prática terapêutica, à divulgação e à propagação para todas as regiões do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Ana Cristina; ZULUETA, Maria Ángeles; HENRIQUES, Anabela. Biblioterapia: estado da questão. **Cadernos BAD**, n.1/2, p. 96-111, 2013. Disponível em: <https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/1033/1049>. Acesso em: 08 abr. 2019.
- ABREU, Denise Coimbra de. **Biblioteca Solidária: inserção da biblioteca no ambiente hospitalar**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.
- ALMEIDA, Geyse Maria. A leitura como tratamento: diversas aplicações da biblioterapia. In: ENCONTRO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14., 2011, Manaus. **Anais eletrônicos** [...] Manaus: UFAM, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufam.edu.br/enebd2011/article/view/12>. Acesso em: 22 mar. 2019.
- ASSIS, Pamela Oliveira; SANTOS, Raquel do Rosário; JESUS, Ingrid Paixão de. Biblioterapia como um campo de atuação para o bibliotecário: perspectiva dos discentes da UFBA. **Biblionline**; v. 15, n. 1 (2019); 41-53. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/118215>. Acesso em: 02 nov. 2019.
- BALBINO, José Daniel Alves. **A biblioterapia no contexto do câncer infantil: a leitura engrandece a alma**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/2283>. Acesso em: 30 mar. 2019.
- BALBINOTTI, Stheve. Páginas ansiosas: uma viagem pelo oceano da ansiedade até desembarcar na ilha da biblioterapia. **Biblionline**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 43-50, 2017. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/16667>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- BARBALHO, Célia Regina Simonetti et al. **Projeto pedagógico do curso bacharelado em biblioteconomia na modalidade à distância**. Brasília, 2007.
- BENEDETTI, Luciane Berto. **Biblioterapia para pacientes adultos internados em uma unidade hospitalar: uma proposta de humanização**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Informação Científica e Tecnológica em Saúde) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz; Grupo Hospitalar Conceição, Porto Alegre, RS, 2008. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/3213>. Acesso em: 05 set. 2019.
- BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; ELLIOTT, Ariluci Goes; ROLIM NETO, Modesto. Biblioterapia com crianças com câncer. **Inf. Inf.**, Londrina, v.17, n.3, p. 198-210, set/dez. 2012. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10992>. Acesso em: 01 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. Glossário temático: práticas integrativas e complementares em saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <https://portal.arquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/marco/12/glossario-tematico.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2019.

BUENO, Silvana Beatriz; CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicação da biblioterapia em crianças enfermas. *Revista ACB: Biblioterapia em Santa Catarina*, v.7, n.1, 2002.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n.12, p. 32-44, dez. 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200>. Acesso em: 28 mar. 2019.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Bíblios**, v. 6, n. 21/22, ago. 2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/161/16102202/index.html>. Acesso em: 02 abr. 2019.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. 2009. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92575/263775.pdf?sequence=1>. Acesso em: 01 abr 2019.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia**: um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Ideias, 2010.

CALIXTO, Anny Caroliny Leite; BELMINO, Marcus Cézar de Borba. Biblioterapia: uma ferramenta para atuação do psicólogo hospitalar no atendimento à criança hospitalizada. **Bíblionline**, João Pessoa, v. 9, n.2, p. 19-33, 2013. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/12678>. Acesso em: 20 mar. 2019.

CARVALHO, Carla Broseghini Moreira de. Biblioteca Viva em hospitais: a importância da leitura como estratégia de humanização, a experiência do Instituto Fernandes Figueira. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, n. 2, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/721>. Acesso em: 25 mar. 2019.

CASTRO, Rachel Barbosa de; PINHEIRO, Edna Gomes. Biblioterapia para idosos: o que fica e o que significa. **Bíblionline**, v. 1, n. 2, 2005. Disponível em: www.periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/431. Aceso em: 27 mar. 2019.

CORTEZ, Ísis; CALAZANS, Juliete; VIDAL, Mízia. Incentivar para humanizar: mediação de leitura no Hospital das Clínicas da UFPE. In: **XIV Encontro Regional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Ciência da Informação e Gestão da informação**. São Luís – MA: UFMA, 2011.

ELY, Ramon. **Leitura & Terapia**: biblioterapia para os enfermos do Hospital das Clínicas de Porto Alegre/RS. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/37549>. Acesso em: 30 mar. 2019.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/44209779_Biblioterapia_uma_pratica_para_o_desenvolvimento_pessoal. Acesso em: 19 mar. 2019.

FREUD, Sigmund. **Os chistes e suas relações com o inconsciente**. Tradução de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOULARTE, Lisandra Fagundes de Souza. **O uso da biblioterapia em sala de aula**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

GUEDES, Mariana Giuberti. **A biblioterapia na realidade bibliotecária no Brasil: a mediação da informação**. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/13659>. Acesso em: 25 mar. 2019.

GUEDES, Mariana Giuberti; BAPTISTA, Sofia Galvão. Biblioterapia na Ciência da Informação: comunicação e mediação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, v. 18, n. 36, p. 231-253, jan/abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p231/0>. Acesso em: 22 mar. 2019.

GUEDES, Mariana Giuberti; FERREIRA, Neilia Barros. **A importância da biblioteca e da biblioterapia na formação dos internos do Orfanato Lar Rita de Cássia**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, 2008. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/650/1/2008_NeiliaFerreira_MarianaGuedes.pdf. Acesso em: 25 mar. 2019.

HASSE, Margareth. **Biblioterapia como texto**: análise interpretativa do processo biblioterapêutico. 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2004. Disponível em: http://www.ufrgs.br/infotec/teses-03-04/resumo_3018.html. Acesso em: 04 abr. 2019.

JERÔNIMO, Viviane et. al. Biblioterapia na melhor idade. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 460-471, jul/dez., 2012. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/786>. Acesso em: 25 mar. 2019.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: M. Fontes, 1994.

LEITE, Ana Cláudia de Oliveira. Biblioteconomia e biblioterapia: possibilidades de atuação. **Revista de Educação**, Valinhos SP, v. 12, n. 14, p. 23-37, 2009. Disponível em: <http://revista.pgskroton.com.br/index.php/educ/article/view/1877>. Acesso em: 02 mar. 2019.

LEITE, Manuela Bravo; CALDIN, Clarice Fortkamp. Programas de aplicação da biblioterapia no Reino Unido. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, v. 11, n. 3, 9 out. 2017.

LIMA, Daiana de; CALDIN, Clarice Fortkamp. Aplicação da biblioterapia na Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 599-622, jan/jun, 2013. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/872>. Acesso em: 27 mar. 2019.

LOBO, Laís Machado. **A biblioterapia como proposta de um programa para portadores de deficiência visual na seção braille da biblioteca pública Arthur Vianna**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

MACHADO, Deísa Divina da Silva. **Biblioterapia: percepção dos bibliotecários de Goiânia**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Goiás, 2010. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/xmlui/handle/ri/4290>. Acesso em: 26 mar. 2019.

MARCINKO, Stephanie. Bibliotherapy: practical applications with disabled individuals. **Current studies in Librarianship**, v. 13, n.1/2, 1989, p. 1-5.

MATIAS-PEREIRA, José. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Atlas, 2007

MICHAELIS: pequeno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

NASCIMENTO, Geovana Mascarenhas; ROSEMBERG, Dulcinea Sarmento. A biblioterapia no tratamento de enfermos hospitalizados. *Inf. Inf.*, Londrina, v.12, n.1, jan/jun. 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1747/1496>. Acesso em: 05 set. 2019.

NORONHA, Loiana Simões. **A importância da biblioterapia com crianças internadas em hospitais**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, 2009. Disponível em:

bdm.unb.br/bitstream/10483/7290/1/2013_LoianaSimoeseNoronha.pdf. Acesso em: 04 abr. 2019.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Edições Loyola: São Paulo, 1996. 344 p. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=sdDJpKEPetsC&printsec=frontcover&dq=biblioterapia&hl=pt-BR&sa=X&ei=USmPT40rI_RAbfBxK8P&ved=0CDIQ6AEwAA#v=onepage&q=biblioterapia&f=false. Acesso em: 20 mar. 2019.

PEREIRA, Isabela Lustosa. **A importância da Biblioterapia no tratamento da depressão**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.unirio.br/unirio/cchs/eb/arquivos/tccs-2016.2/Isabela%20Lustosa%20Pereira.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.

PEREIRA, Marília M. Guedes. **Biblioterapia**: Proposta de um programa de leituras para portadores de deficiência visual em Bibliotecas públicas. João Pessoa: UFPB, 1996.

PINHEIRO, Edna Gomes. Biblioterapia para o idoso Projeto Renascer: um relato de experiência. **Informação & Sociedade**, v. 1, n. 8, p. 155-163, 1998. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/12/pdf_d9e97f5937_0013848.pdf. Acesso em: 01 abr. 2019.

PIRES, Cristiane de Castro. SILVA, Dienner Mory Rodrigues. **A biblioteca e a biblioterapia no tratamento dos pacientes da Associação Brasileira de Assistência às Pessoas com Câncer**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, 2009. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/935/1/2009_CristianePires_DiennerMory.pdf. Acesso em: 04 abr. 2019.

RIBEIRO, Gizele. Biblioterapia: uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 112-126, jan/jun. 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26437903_Biblioterapia_uma_proposta_para_adolescentes_internados_em_enfermarias_de_hospitais_publicos. Acesso em: 25 mar. 2019.

ROCHA, Natália. **Biblioterapia no Brasil e exterior**: estudo de revisão. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Goiás, 2014.

ROSSI, Tatiana; ROSSI, Luciene; SOUZA, Maria Raquel. Aplicação da biblioterapia em idosos da Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 322-340, jul/dez., 2007. Disponível em: <https://revista.acb.org.br/racb/article/view/505>. Acesso em: 25 mar. 2019.

SEITZ, Eva Maria. Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v.

11, n.1, p. 155-170, jan./jul. 2006. Disponível em:
<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/download/452/568>. Acesso em: 03 abr. 2019.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínicas médicas**. 2000. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. Disponível em:
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/78289/175141.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 mar. 2019.

SILVA, Ana Mafalda Carvalho. **Biblioterapia aplicada em contexto de saúde mental: um estudo de caso**. 2014. Dissertação de mestrado (Mestre em Ciências Documentais) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2014. Disponível em:
http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/5059/DM_AnaMafaldaSilva.pdf?sequence=1. Acesso em: 25 mar. 2019.

SILVA, Patrícia Vilma Pinheiro da. **Biblioterapia aplicada com crianças da pré-escola do centro de educação Nossa Senhora da Boa Viagem**. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade do Estado de Santa Catarina, 2005. Disponível em:
http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/108/tcc2005_6_7.pdf . Acesso em: 01 abr. 2019.

SOUSA, Thais Caroline da Silva. **Biblioterapia: revisão de literatura**. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Goiás, 2012. Disponível em:
<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4289/2/TCCG-BIBLIOTECONOMIA-THAIS%20SOUSA.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2019.

SOUSA, Carla. Clarice Fortkamp Caldin fala da sua dedicação à biblioterapia e da importância do tema para a Biblioteconomia. Revista ABC: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 347-353, abr/jul. 2018. Disponível em:
<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/download/1502/pdf>. Acesso em: 25 mar. 2019.

VALENTE, Hugo Silva. **Conceitos fundamentais de psicopatologia freudiana**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São João Del Rei, 2013. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgpsi/Publicacoes/Dissertacoes/HUGO%20SILVA%20VALENTE.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2019.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE PERGUNTAS

- 1) Qual é a sua formação? (Graduação, Especialização, etc)
- 2) Onde mora/ atua (Cidade e Estado)
- 3) Como teve contato ou conhecimento acerca da biblioterapia?
- 4) Fez alguma especialização ou participou de algum minicurso, oficina ou workshop para aplicar a biblioterapia? Se sim, quais? Em quais cidades?
- 5) No seu Estado ou Região há cursos ou especializações sobre a biblioterapia? Como vem sendo a prática desta atividade onde você mora?
- 6) Na sua opinião, o que impede a biblioterapia de crescer e ser mais reconhecida na sua Região?
- 7) Qual a sua experiência com biblioterapia?
- 8) Quem foi o público-alvo?
- 9) Alguma equipe trabalhou com você? Nela incluíam quais profissionais?
- 10) Encontrou alguma dificuldade ou limitação (em relação ao público, equipe, local ou outra) nas vezes em que aplicou a biblioterapia? Se sim, você pode comentar sobre elas?
- 11) O que seria essencial para superar tais dificuldades e limitações?
- 12) A biblioterapia tem reconhecimento enquanto prática terapêutica?